



Um enfoque sobre a Guerra do Paraguai na obra e no acervo de José Arthur Montenegro



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

149



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**Um enfoque sobre a
Guerra do Paraguai na
obra e no acervo de José
Arthur Montenegro**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Um enfoque sobre a Guerra do Paraguai na obra e no acervo de José Arthur Montenegro



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSEIL INTERNATIONAL DE LA PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2026

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1ª Secretária: Luciana Coutinho Gepiak
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Um enfoque sobre a Guerra do Paraguai na obra e no acervo de José Arthur Montenegro
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 149
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-133-0

CAPA: REVISTA MODERNA. Paris, ago. 1898, p. 772.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

Livro vinculado à Ação de desenvolvimento – O Arquivo Montenegro no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: História e Arte – promovida junto ao Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical “Florestan Fernandes”-CEMOSi, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Câmpus Presidente Prudente, sob a supervisão da Profa. Dra. Paula Ferreira Vermeersch.

SUMÁRIO

**O enfoque histórico de José Arthur
Montenegro / 11**

**A Guerra do Paraguai sob o prisma
biográfico e da heroicização / 23**

O enfoque histórico de José Arthur Montenegro

Ao final do século XIX, a cidade do Rio Grande vivia uma época de efervescência cultural. Chegaram a circular cinco jornais diários e vários representantes da pequena imprensa, como foi o caso do periodismo ilustrado-humorístico, revelando o gosto dos rio-grandinos pela leitura dos impressos. Havia gráficas e editoras, que publicavam opúsculos, livretos e livros, os quais circulavam pela comunidade, algumas delas funcionando também como livrarias que se tornavam epicentros da intelectualidade de então. Nesse quadro, a Biblioteca Rio-Grandense, fundada em 1846, chegava a um dos seus ápices, com a conquista de seu prédio próprio e definitivo, cumprindo sua missão de mais de meio século, voltada a difundir a leitura e a cultura. Tal ambiente foi propício à promoção de uma vida intelectual bastante agitada.

Nesse contexto esteve inserida a ação do pesquisador e escritor José Arthur Montenegro (1864-1901). Ele nasceu no Ceará, de família pobre, tendo de dedicar-se desde cedo ao trabalho que garantisse a sua sustentação. Nesse sentido, foi inicialmente marinheiro, em sua terra natal, para depois dedicar-se à vida militar e, para tanto, deslocou-se para o Rio Grande do Sul. Serviu ao exército e, após retirar-se das ações castrenses, tornou-se funcionário em empresas de transporte,

notadamente o ferroviário. Já nessa fase, fixou residência na cidade do Rio Grande. Em tal localidade, além das atividades que lhe garantiam a sobrevivência e a de sua família, formada na urbe portuária, levou em frente aquela que era a sua verdadeira vocação, ou seja, promover estudos, notadamente acerca da formação histórica brasileira.

Como era comum à intelectualidade de então, dedicou-se a estudos múltiplos, em torno de fundamentos históricos, geográficos e literários, entre outros. Sua maior paixão, entretanto, foi a Guerra do Paraguai, tema no qual concentrou a maior parte de suas pesquisas. Para tanto reuniu significativo referencial bibliográfico e uma copiosa documentação, composta de fotografias, gravuras, mapas, plantas e variados registros textuais. Com a morte precoce, seus projetos voltados à publicação de livros foram interrompidos, permanecendo muitos deles na condição de manuscritos. Após seu desaparecimento, esse conjunto de documentos permaneceu aos cuidados da Biblioteca Rio-Grandense, formando o Arquivo Montenegro, um dos mais completos acerca da Guerra da Tríplice Aliança.

Em sua atuação, Arthur Montenegro formou uma rede de inter-relações com outros estudiosos, artistas, literatos e militares que participaram da Guerra contra o Paraguai, na busca por intercâmbio de informações/documentos acerca do conflito bélico internacional. Nessa caminhada, foi conquistando amplo reconhecimento intelectual¹ e tal notoriedade ficou

¹ Conforme: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 87 e 90; BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo:

demarcada a partir de sua ampla aceitação em instituições acadêmico-científicas e culturais nacionais e internacionais, como foi o caso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da Sociedade de Geografia de Lisboa, do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, do Instituto Geográfico Argentino, do Ateneu de Buenos Aires, do Centro Literário do Ceará, da Academia Cearense, da Associação Guerreiros do Paraguai, do Instituto de Coimbra e da Associação dos Homens de Letras de Caracas.

Parte da pesquisa de Montenegro foi publicada junto à imprensa periódica, como *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879-1881*, *Cristóvão Colombo e o descobrimento da América* e parte das *Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*. No formato de livro, atuou como organizador, tradutor, introdutor e anotador das obras *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1891), *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre* (1893), *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano de Godoi* (1895) e *O Uruguai* (1900). Já na condição de autor, publicou *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai* (1901). Permaneceram inéditos os planos editoriais intitulados *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*, *Dicionário das madeiras do*

Companhia das Letras, 1996. p. 150, 244 e 253.; e BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 190.

Brasil, As ilhas do Brasil e Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX, além dos projetos que mais ambicionava levar a público, denominados *Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai e História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*².

Na construção de seu acervo documental e nos trabalhos que escreveu J. Arthur Montenegro estabeleceu um enfoque muito bem determinado, fixando um modo de “fazer história” calcado essencialmente no conteúdo militar e na ação daqueles que considerava como os protagonistas do devir histórico. Prevalencia assim uma abordagem embasada na heroização, com o enaltecimento dos denominados “grandes homens” que, através de seus atos “heroicos”, trilharam um propalado caminho de glórias e triunfos no combate ao inimigo. Nessa linha, para o pesquisador/escritor, o ato de historiar esteve fundamentalmente vinculado ao de biografar.

De acordo com tal perspectiva, a biografia era encarada como “um empreendimento de homologação seja do conhecimento adquirido, seja das ideias prontas sobre um homem, seja das relações entre um sistema

² Dados biográficos e bibliográficos elaborados a partir de: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 375-376.; STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipografia e Litografia a Vapor, 1913, v. 2, p. 66-73.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 325.

político e a realidade”³. Nesse sentido, os enfoques biográficos pretendiam “fazer do personagem uma ‘revelação da essência da humanidade”, de modo que, ao invés “de descrever uma vida”, buscam “reconstituir um ‘projeto existencial””⁴. Assim, a narração biográfica “assimilou a exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, o fato”⁵.

Nesse contexto, realizava-se uma “biografia pública, exemplar, moral”⁶, na qual os personagens vinculados ao passado tiveram suas existências elevadas a um panteão cívico, de maneira que a abordagem biográfica trazia o destaque às “vidas dos grandes homens ilustres, compostos como espelhos de heroicidade e exemplaridade moral”⁷. Os escritos

³ LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 175.

⁴ BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 226.

⁵ PRIORE, Mary del. Biografias, biografados: uma janela para a História. In: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 75.

⁶ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 169.

⁷ OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR,

biográficos relacionavam suas ações com as dos “ícones de outrora”, que teriam atuado como “vetores privilegiados” no devir histórico, no sentido de “incutir a veneração dos heróis da gesta patriótica”, com “a insistência num discurso moral exemplar”⁸.

A partir de tais premissas, a obra de Montenegro atuava na propagação do “discurso de celebração”, no qual a biografia “desempenha um papel determinante”, ao construir um “personagem memorável”, que viria a ser digno do “relato histórico”⁹. Nessa linha, “uma individualidade biológica socialmente instituída” passaria a agir “como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos”¹⁰. A abordagem de cunho biográfico aparecia como essencialmente “preocupada com as peripécias e as vicissitudes dos grandes homens”, em um quadro pelo qual, o “drama histórico humano” é recuperado e ressaltado através do “peso das grandes decisões dos ‘heróis’” e no “rol fundamental das vidas dos grandes personagens na definição dos destinos daquele drama”¹¹.

Alexandre de Sá & SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 59.

⁸ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 7.

⁹ BOURDIEU, 1989, p. 290.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 190.

¹¹ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades

Levando em conta tal contexto, o ato de historiar/biografar trazia em si elementos constitutivos de várias tendências voltadas à construção do biográfico. Levava-se então em conta a perspectiva pela qual “durante muito tempo, da antiguidade à época moderna, o gênero biográfico teve por função essencial identificar”, prestando-se “ao discurso das virtudes” e servindo “de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras”. Tal conteúdo biográfico vinha a participar “de um regime de historicidade no qual o futuro é a reprodução dos modelos existentes, que devem perpetuar-se”. Assim as construções de natureza biográfica inscreveram-se, “durante esse longo período, no respeito absoluto a uma tradição” que perpassou por “valores heroicos”, chegando a tomar “por modelo as vidas exemplares”¹².

Na antiguidade clássica, a edificação biográfica voltava-se a “desenhar o retrato de personagens representativos dos valores esperados” dos homens públicos, bem como procurar “apreciar as qualidades e a glória” de governantes e ainda “revelar os traços de destaque de um caráter psicológico em sua ambivalência e complexidade, inaugurando o gênero da vida exemplar com tons moralizantes”. Ainda nessa época, havia por motivação “a ânsia de vencer o esquecimento, a finitude da existência, e o cuidado de transmitir, imortalizar a ação humana a ser perpetuada na lembrança dos pósteros na memória coletiva”. Tratava-

actuales. In: SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 11.

¹² DOSSE, 2015, p. 123.

se também “de perpetuar pelos *exemplum* um certo número de virtudes morais”. Mais, tarde, mormente nos tempos medievais, sobressaiu-se um olhar hagiográfico sobre a biografia, em um contexto pelo qual “a hagiografia é, fundamentalmente, um discurso das virtudes e institui o primado da lógica dos lugares sobre as notações temporais marginalizadas, inseridas na ordem do imutável”. Tal versão hagiográfica “pressupõe o desaparecimento do santo e uma construção singular dos testemunhos de sua vida, com a ideia de mostrar que a própria lógica de sua existência sempre foi orientada pela intenção de sacrificar-se pelos semelhantes”. Além disso, na hagiografia, “o caráter exemplar que prevalece tem por efeito congelar o tempo num retrato”¹³.

Mais tarde, já sob os auspícios da modernidade, passava a predominar a perspectiva da heroicidade, de maneira que “a noção de herói atravessa a história profana em vias de descristianização”, beneficiando-se “de uma transferência de sacralidade” e revisitando “a existência dos predecessores meio-homem, meio-deuses da antiguidade”. Essa “referência histórica se instala no cerne do discurso histórico e se torna um recurso precioso no tecido da intriga romanesca”. Nesse quadro, ocorre uma “valorização do herói”, o qual “cristaliza em si uma simbolização coletiva”, e cuja “existência é atestada pelo modo de enfrentar e vencer a adversidade ao preço de um sofrimento”, que pode chegar mesmo ao “sacrifício que o herói aceita em defesa de sua causa”, demonstrando o “valor que o motiva como princípio

¹³ DOSSE, 2015, p. 124, 125, 128, 129 e 139.

transcendente". Tais "biografias resultam de um processo de laicização tanto quanto de uma reivindicação de identidade de uma linhagem em sua inserção no espaço e no tempo". A partir dessa tendência, "exuma-se o heroísmo à antiga, que busca a imortalidade no reconhecimento público" e, através da "capacidade de absorver os valores coletivos, de encarná-los num percurso singular, a vida dos indivíduos" passa a encerrar "um sentido maior que a mera equação pessoal", vindo a conquistar "uma glória duradoura aos olhos de outrem, por meio do reconhecimento". Era o império da "concepção da biografia como *magistral vitae*"¹⁴.

A partir do século XVII, "a narrativa biográfica se apresenta como veículo de uma farsa, de um simulacro da realidade, de uma estrutura imaginária do poder que surge como fato atestado, agora em processo de elaboração textual". Em tal conjuntura passava-se a buscar, "no instante mesmo do acontecimento, as figuras que melhor cristalizem a identidade nova". Com as revoluções, "concentrava-se a autodeclaração dos heróis nos mortos contemporâneos, os mártires, as vítimas da nova fé" e, "os dirigentes revolucionários sonham mesmo com um ensino da História que se reduza a simples galeria de retratos representativos dos novos valores". O ato "heroico passa por expressão da providência", de forma que "o indivíduo guindado ao *status* de herói é visto como uma encarnação de Deus no mundo cá de baixo", ficando, inclusive, demarcado "um verdadeiro culto ao herói". Nesse caso, o "herói" já tem

¹⁴ DOSSE, 2015, p. 151, 152, 154 e 155.

tal condição desde o berço e a “sua vida está em perfeita consonância com a missão que lhe teria sido ‘consignada pela providência’”. Falava-se assim do “homem que pode”, que “cristaliza em si as possibilidades da perfeição política”, podendo ser elevado “ao patamar supremo da nação”, possibilitando a instauração de “um governo perfeito”¹⁵.

Durante o Século das Luzes, “a figura do herói sofre uma crise”, passando a predominar “o elogio dos grandes homens”, os quais poderiam prestar-se “a múltiplas encarnações” e encamparem em si diversas facetas e ocupações. Nessa linha, “o quadro matricial do grande homem é, ao mesmo tempo o quadro nacional, mas a doação à pátria traz em si uma mensagem que se pretende universalizante”. Além disso, ocorreria a “proliferação de relatos biográficos que tentam articular individualidade e exemplaridade”. Já nos Oitocentos, a biografia passava a ser considerada como “um bom suporte de ensino para as crianças” e “seu uso e utilidade seriam eminentemente pedagógicos”. Entretanto, a heroificação biográfica não se fez “ausente nesse século”, pois “a história experimenta um novo ímpeto com o discurso escolar da transmissão do patrimônio nacional e da vontade de afirmação da consciência nacional”. Nesse caso, cabia “aos historiadores apresentar às novas gerações em formação algumas figuras exemplares com que elas se identifiquem”, e “a biografia se torna um dos cadinhos do breviário nacional”¹⁶.

¹⁵ DOSSE 2015, p. 158, 161, 162, 164 e 165.

¹⁶ DOSSE, 2015. p. 166, 168, 169, 173 e 179.

Em tal época, “um verdadeiro deslocamento de sacralidade se opera e o martírio se transforma no martírio pela causa pátria”. Esse tipo de “sacrifício pressupõe a instauração de toda uma pedagogia da solidariedade nacional”, ocorrendo um retorno ao “modelo antigo da *Historia Magistrae*, da vida exemplar” daquele que “verteu seu sangue e que lá está como figura simbólica da inscrição de uma dívida indefinida, contraída pela comunidade” para a qual “ele se sacrificou voluntariamente”. A partir de tal premissa, “a educação e a transmissão do passado são concebidas de maneira explícita, por seus responsáveis, como instrumentos que lembram a dívida das novas gerações para com seus ancestrais”. A chegada do século XX traria um certo reforço do processo pelo qual “o herói” cede, “pouco a pouco espaço ao grande homem”, o qual foi reforçado pelo “cruzamento de identidades segundo escalas mais restritas ou mais amplas, bem com a ânsia de pacificação das relações entre os países”. Ocorre à época, além da própria “glorificação”, a manutenção da valorização da “velha identidade nacional”¹⁷.

A abordagem de natureza histórica que José Arthur Montenegro trouxe à sua obra esteve inserida nesses múltiplos enfoques acerca do conteúdo biográfico, com plena incursão à heroificação e à relevância dos princípios articulados com a nacionalidade e mesmo com o patriotismo. Desse modo, ele reuniu todas as informações textuais e registros imagéticos que conseguiu acerca dos participantes da Guerra do Paraguai. Assim, o próprio

¹⁷ DOSSE, 2015, p. 179, 181 e 182.

escritor/pesquisador afirmava que, faltando-lhe “ainda muitos dados sobre” a Guerra da Tríplice Aliança, os quais só poderia “ir obtendo com vagar e muito esforço, além de muitos retratos de vultos eminentes de que não posso prescindir, estou resolvido a não sacrificar a obra”, com uma publicação apressada, “sem esclarecer minuciosamente todos os sucessos, para o que estou disposto a dedicar toda a minha vida, contanto que, ao entregá-la ao público”, pudesse “dizer – eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania”¹⁸. Levando em conta tais pressupostos, este livro busca destacar alguns dos estudos de natureza histórico-biográfica traçados pelo escritor cearense/gaúcho.

¹⁸ Citado por BLAKE, 1898, v. 4, p. 320.

A Guerra do Paraguai sob o prisma biográfico e da heroicização

A preferência pelo conteúdo de natureza biográfica fortemente articulada com a perspectiva da heroicização ficava demarcada pelo próprio José Arthur Montenegro, que chegava a reconhecer o “quão árido é o trabalho biográfico”, fator que não o afastaria do seu “mais ardente desejo”, o qual seria o de “poder descrever os feitos dos argentinos e orientais com a mesma minuciosidade e serenidade de espírito com que o faço para os brasileiros”, esperando “que a posteridade e os mais contemporâneos me façam a justiça de chamar-me imparcial como historiador”¹⁹. De acordo com esse pensamento, Raimundo de Farias Brito, prefaciador do livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*, descrevia que, “abrangendo em suas investigações apenas um período da nossa história, pois todos os seus quadros giram em torno da Guerra do Paraguai, principal objeto de suas lucubrações”, poderia observar-se que nos escritos de Montenegro o “objetivo é não interrogar o passado da vida nacional, para fazer a

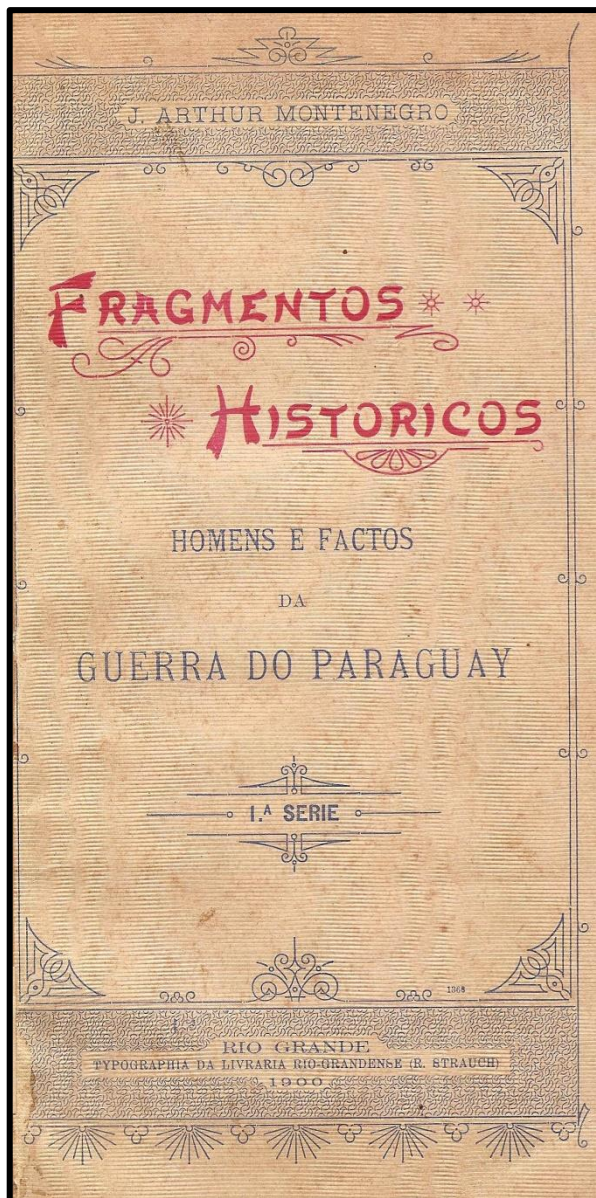
¹⁹ ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 246.

dedução dos destinos da civilização brasileira”, e sim “arrancar do olvido a memória dos nossos heróis, apresentá-los à posteridade tais quais foram” e, ainda mais, “fazendo justiça aos que souberam morrer pela causa da pátria”²⁰.

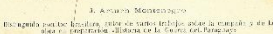
Os estudos de cunho biográfico da lavra de Arthur Montenegro acabaram por concentrar-se no único livro que ele publicou como autor acerca do confronto bélico entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, ou seja, na publicação de 1900, lançada bem próxima de sua morte, sob o título de *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. A escolha de tal título advinha da perspectiva de reunir alguns dos “fragmentos” de seus estudos, alguns espalhados junto à imprensa periódica, outros inéditos, como uma espécie de *avant-première*, da grande obra que pretendia lançar. Já o subtítulo, aludindo aos “homens e fatos”, revelava o modo de historiar do escritor, articulado com a ênfase às ações dos personagens no devir histórico. Afora essa edição, tais escritos foram divulgados por meio de periódicos, como foi o caso do *Album de la Guerra del Paraguay*, do *Almanaque Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará*, do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, do *Almanaque Popular Brasileiro*, da *Revista da Academia Cearense* e da *Revista Moderna*. Além das informações textuais, pesquisadas à exaustão pelo historiador/biógrafo, houve também a intenção de

²⁰ BRITO, Raimundo de Farias. (Prefácio). In: MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. v e vi.

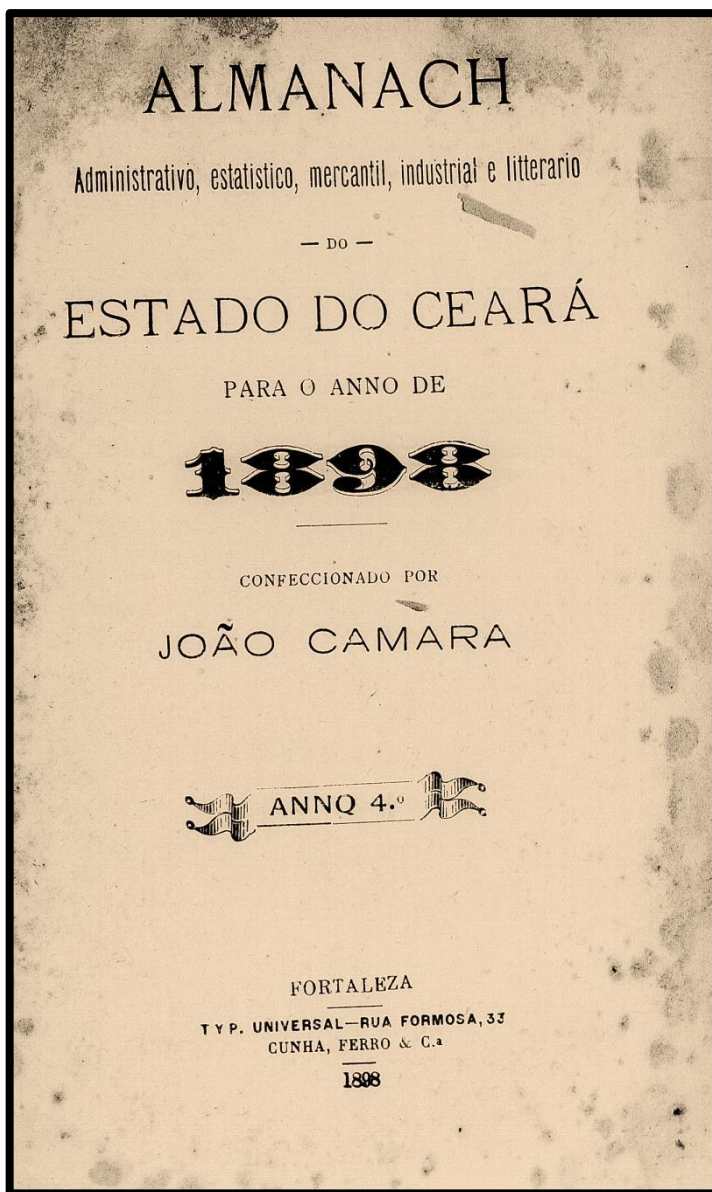
juntar tudo o que pudesse em termos de registros imagéticos, como foi o caso daqueles vinculados aos retratos de militares, em um quadro pelo qual vários dos seus estudos de cunho biográfico coincidiram com o acervo fotográfico colecionado pelo autor.

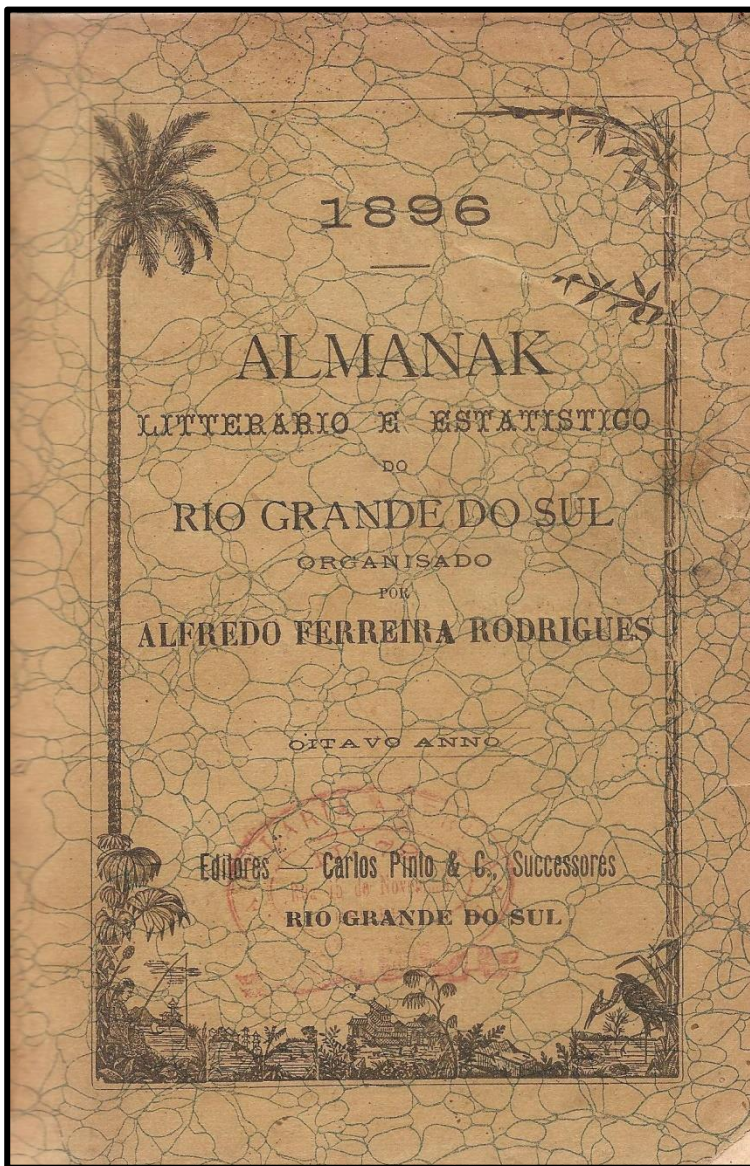


Amaneció el día 25 y se establecieron convenientemente en la loma, frente a la posición enemiga en una línea semi-circular, 40 piezas de artillería argentina y brasileña y algunas cohetas más aproximadas.



Esta artillería fue tomada y llevada a nuestra retaguardia, los brasileños avanzaron algo más sobre un ángulo saliente de la posición; pero encontrando una





ALMANACH POPULAR BRAZILEIRO

PARA O ANNO

DE

1894

CONTENDO

GRANDE NÚMERO DE INFORMAÇÕES DE UTILIDADE PÚBLICA
E UMA ESCOLHIDA PARTE RECREATIVA

PRIMEIRO ANNO

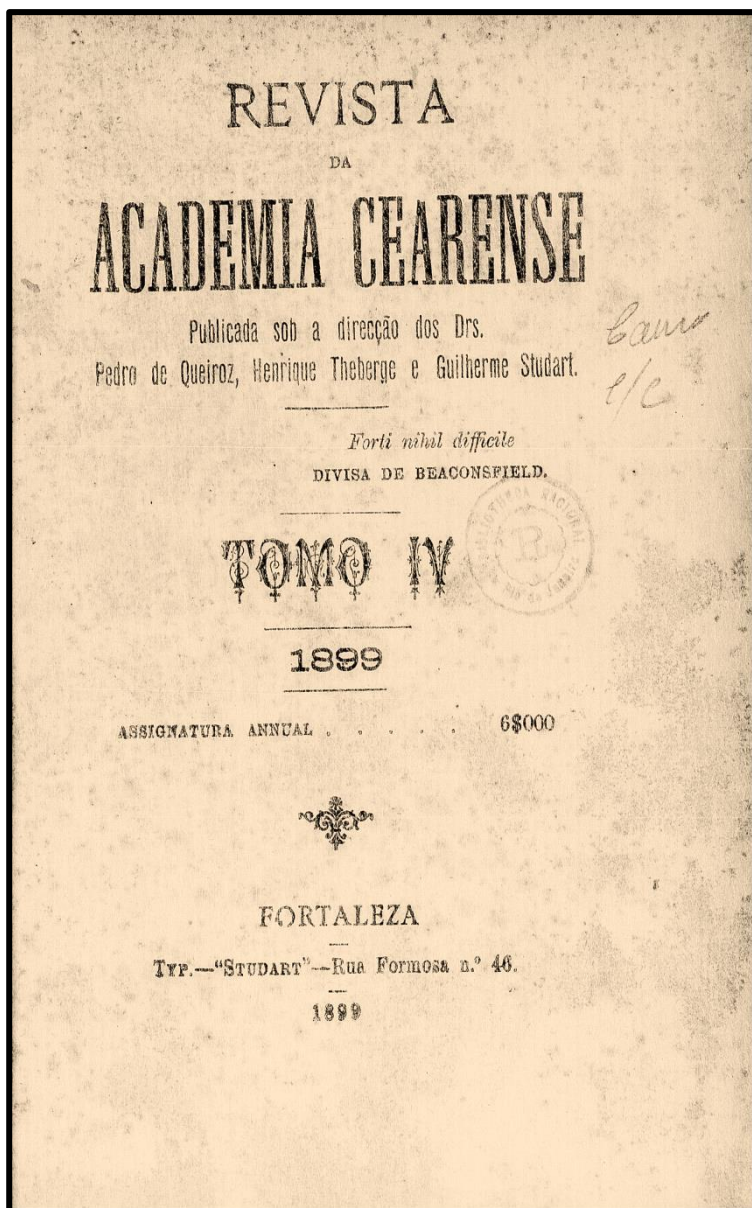


EDITORES

ECHENIQUE & IRMÃO — LIVRARIA UNIVERSAL

PELOTAS E PORTO ALEGRE

1893



Anno 2º Agosto de 1898 Numero 24.

REVISTA MODERNA

Magazine Brasileiro Director : M. Botelho

Revista Moderna
Publicação Quinzenal Ilustrada
Artes e Letras

Summario:
MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
Luiz Serra
Reprodução photographica de quadro de Solgato
IMPERATRIZ ISABEL DA AUSTRIA
Marcus
*Photographia artistica enviada pelo
meu Correspondente de Vienna*
A CONSOADA
Abel Botelho
Com uma illustração de Wodine
A PAZ AMERICANA
M. Botelho
Com 2 photographias
REMINISCENCIAS
DA HISTORIA BRAZILEIRA
A NOITE DE UM BRAVO
J. A. Montenegro
*Com o retrato do Conde de Porto Alegre e uma gravura
de Estêvão de Corréa*
A RAINHA LUIZA
E MADAME CARNOT
G. Serford
Com duas photographias
CARVOES
José de Figueiredo
Illustração original de CÂNDIDO DA CUNHA
A TOMADA DE KARTOUM
E. Jordano
Com 6 illustrações
ARTISTAS CELEBRES
JEANNE HADING
Espectador
Com a reprodução de celebre arte
O GOLPE D'ESTADO DE PEKIN
Thomas Street
Com 2 photographias
SPORT
Theodoro de Willy e S. Marcello
Com 3 photographias esportivas
A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES
EÇA DE QUEIROZ



Maria Amalia Vaz de Carvalho

Redacção e Administração : 48, Rue de Laborde - PARIS

Um dos personagens enfatizados por Montenegro foi o coronel José do Amaral Ferrador, militar e latifundiário sul-rio-grandense, que era veterano da Revolução Farroupilha, com ativa participação na Guerra da Tríplice Aliança. Sob o título “O coronel Amaral Ferrador”²¹, tal personalidade era retratada em sua atuação em meio ao teatro de operações no Paraguai, com destaque para a época do comando geral do Marquês de Caxias. O texto abordava a guerra em uma de suas particularidades, vinculada às vivências dos militares e as inter-relações entre os comandantes. O protagonista gaúcho era caracterizado como um autor de “espirituosas diabruras”, ao mesmo tempo em que possuiria “uma bravura levada à temeridade”, sendo responsável “pelos atos arrojados” praticados em combates, de modo que um tom com certa nuance jocosa, não deixava de lado a abordagem calcada na heroicidade.

«Comandava em chefe os exércitos aliados o marechal Marquês de Caxias.

Revestido em poderes extraordinários que jamais foram conferidos a outro general brasileiro. Caxias era o verdadeiro soberano daqueles 50.000 homens estendidos em volta do quadrilátero paraguaio.

Tinha a suas ordens a mais poderosa esquadra que até então sulcara as águas do Prata, Paraná e Paraguai. O tesouro militar estava à sua disposição e a nenhum limite ficavam sujeitas as despesas que

²¹ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 16-19.

entendesse realizar. Tinha a faculdade de promover até oposto de coronel e o acesso ao generalato dependia exclusivamente de sua informação...

Podia alterar, como entendesse, todas as disposições regulamentares e da legislação militar, se assim conviesse a boa marcha de guerra e fosse exigida pela tremenda responsabilidade que pesava sobre seus ombros.

As sentenças de pena última pronunciadas pelos conselhos de guerra e confirmadas pelas Juntas de Justiça Militar, podiam ser por ele mandadas executar se assim entendesse convir à segurança e disciplina do exército e da esquadra, antes mesmo de subir em recurso de graça à sanção do poder moderador que no passado regime, sob a égide do art. 98 da Constituição, era a chave de toda a organização política do Império – *une force qui les remettre a leur place* – em relação aos demais poderes do Estado.

De sua vontade, de suas combinações, dependia o destino de quatro potenciais que ali se enfrentavam em tremendo prélio e, se entendesse, quem lhe cercearia o direito de lançar 50.000 homens contra 200 bocas de fogo e 30.000 baionetas, produzindo horrorosa hecatombe ao pé daquelas temerosas fortificações?

*

* *

Comandava o 2º corpo do exército brasileiro acampado em Tuiuti, o marechal de campo Alexandre Gomes de Argolo Ferrão.

Baiano ilustre, valente, temerário nos combates, de sangue frio admirável nas mais perigosas e arriscadas

situações, tinha todos os predicados dos grandes cabos de guerra.

Muito religioso, onde acampava com alguma permanência, tratava logo de erigir um rancho-capela par ao culto divino e, fosse onde fosse, mesmo ao alcance das balas paraguaiaias, todos os domingos as forças de seu comando assistiam ao sacrifício da missa, chovesse embora água do céu ou granadas dos canhões inimigos. Ele dava o exemplo; sempre imperturbável, o pior lugar, o ponto mais exposto lhe pertencia: fosse na missa, fosse nos combates.

Mais de um oficial fez testamento antes de entrar em forma para assistir à *missa do Argolo*, como diziam em intimidade.

Embirrava com a cavalaria rio-grandense, cujos hábitos, iminentemente livres e expansivos, com extrema dificuldade se amoldavam à férrea disciplina que ele mantinha na infantaria do norte.

Nesse tempo, fins de 1867, andava de *nariz torcido* com o Marquês de Caxias (que, aliás, muito o presava), porque trazia a *gauchada* na palma das mãos.

E havia razão para isso.

Cercava-se Humaitá: a infantaria e a artilharia guardavam os entricheiramentos da linha de aproxes; todo o serviço de exploração e reconhecimento pesava sobre a cavalaria, que, na série de brilhantes combates por ela sustentados em volta do quadrilátero, destruiu totalmente a magnífica cavalaria paraguaia que desde então desapareceu do teatro de operações.

O interior do país era devassado, explorado, resolvido em todos os sentidos; os recursos do inimigo cortados, tomados, destruídos, e os malditos gaúchos, cada vez mais atrevidos nas expedições e

insubordinados no acampamento, assaltavam trincheiras, arrasavam fortificações e até a laço se apossavam de barcos do inimigo!

Argolo, como bom brasileiro, tudo aplaudia, reverenciando a bravura desses homens esforçados, mas *mordia-se* por não poder *completá-los*, chamando às leis do Conde de Lipe essa gauchada desabrida e rebelde a tudo quanto é formalidade regulamentar.

Paisanos arrastados pelo amor da pátria ao teatro da guerra, sem garantia militar para o seu futuro, entendiam que vencendo o inimigo cumpriam a única obrigação moral contraída espontânea e livremente.

Caxias, profundo observador do coração humano, que conhecia os hábitos rio-grandenses desde a guerra dos *farrapos*, que sabia apreciar o valor desses *guascas* desde a guerra contra Rosas, deixava as coisas correr *sem aperto nem arroxó*, certo de encontrar nesses temíveis centauros a obediência e a dedicação necessárias ao triunfo da causa que defendia.

Um dos mais *rebeldes* cavalarianos era o coronel José do Amaral Ferrador.

Gaúcho de uma bravura levada à temeridade caiu nas graças do Marquês de Caxias pelos atos arrojados que praticara em anteriores combates.

De nenhuma instrução, mas de inteligência viva e sagaz, sabia fingir-se ainda mais ignorante quando queria fazer das suas espirituosas diabruras.

Uma tarde, no quartel-general de Tuio-Cué, estavam em agradável palestra o Marquês de Caxias, os generais Enrique Castro, chefe das forças uruguaias,

Gelly Y Obes, comandante do exército argentino, Fonseca Costa, chefe do estado-maior do comando em chefe, e muitos outros oficiais.

Ferrador, num canto, observava tudo...

Para o grupo se dirigiu o marechal Argolo Ferrão, trajando o seu tradicional casacão escuro, chapéu de castor com grandes abas e grosso bastão na mão esquerda: aparência perfeita de venerando capuchinho.

Ferrador levantou-se e, perfilado, dirigiu a palavra ao generalíssimo:

– *Seu Marquês*, tenho um grande favor para pedir a *Vossa Incelência* e desejo saber se me atende.

– Diga o que deseja, Sr. Ferrador; a um oficial como o senhor, dificilmente negarei o que estiver ao meu alcance...

– Já que *Vossa Incelência* é Imperador em *comissão*, bem podia nomear o seu general Argolo – Bispo de Tuiuti.

Na manhã de 18 de julho de 1868, Amaral Ferrador foi ao Chaco visitar alguns amigos que faziam parte da divisão que ali operava.

De chegada, porém, se incorporou a uma expedição que saía para explorar as restingas e picadas que desembocavam no campo inimigo de Timbó.

O coronel Martínez de Hóz, com o batalhão argentino *Caçadores de Riojas* (Gaspar Campos), apoiado pelos 3º e 8º de infantaria brasileiros, mandou uma companhia de *Riojas* explorar a picada da esquerda e, em pessoa, seguiu a da direita com o resto desse batalhão.

Essas picadas desembocavam em um rincão, onde o general Caballero, com 1900 homens, se emboscou à espera dos aliados: logo que os argentinos ali chegaram, Caballero cercou-os, aprisionando-os após renhidíssima luta²².

A companhia de *Riojas*, que seguira pela esquerda, sustentou vivo fogo em retirada, às ordens do tenente, mas o capitão *** *disparou* para as reservas logo que viu o perigo em que estava metido.

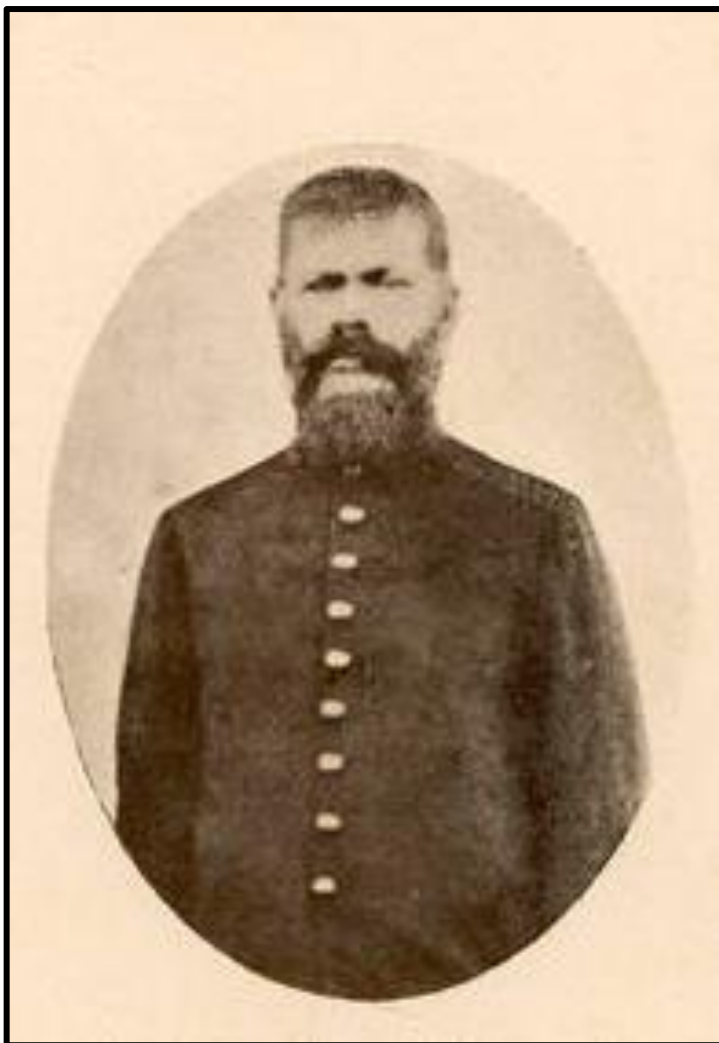
Ao aproximar-se dos corpos brasileiros, que haviam entrado em forma para o que desse e viesse, o capitão *** se dirige ao coronel Ferrador e diz com a voz abalada pelo *cansaço*:

– Mi coronel, los soldados me hão abandonado. Yo tuve que retirar prompto.

– Sim, disse Ferrador, e a prova é que *usted* chegou primeiro que eles.»

²² Esse combate tomou o nome de Acaiuasa e o marechal Lopez criou uma medalha para premiar os que nele tomaram parte. A medalha tem a forma de “Cruz de Malta”, de oito pontas, tendo no anverso a legenda: – *A la decision y bravura*, e no reverso: – *Acaiuasa, 18 de julio 1868*.

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- José do Amaral Ferrador -



- José do Amaral Ferrador -

Embora o artigo “O major Bento Luiz Gama” não chegasse a constituir um texto de cunho biográfico no sentido tradicional na feitura de Arthur Montenegro,

arrolando alguns “feitos” do biografado, normalmente ao longo de sua vida, não deixava de possuir tal inspiração, no caso abordando um episódio específico da ação do militar. A essência narrativa era a de abrir brevíssima lacuna nas descrições das cruezas da guerra, mostrando que, mesmo no ambiente bélico, poderia surgir espaço para o inusitado, de modo que o texto contava uma historieta, beirando o anedótico, sem deixar de confirmar que, mesmo que consistisse um ato pouquíssimo usual, não deixava de ser uma prova de “coragem” e até uma verdadeira “façanha”. Originalmente publicado no *Almanaque popular brasileiro*²³, como uma parcela inédita do projetado *Fragmentos históricos*, logo no ano seguinte, viria a confirmação, com a sua inclusão no corpo do livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*²⁴. Na abertura do texto, Montenegro fazia referência aos trabalhos para a montagem de um canhão e a uma pausa na guerra por ocasião da semana santa, em “tácito e mútuo consenso”, tendo em vista a religiosidade dos “quatro povos beligerantes”. Em seguida passava a descrever um combate em meio ao qual...

«Repentinamente, o major fiscal, Bento Luiz da Gama, destacando-se do grupo, disse aos companheiros:

²³ MONTENEGRO, José Arthur. O major Bento Luiz da Gama. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1900*. Pelotas: Livraria Universal, 1899. p. 187-189.

²⁴ MONTENEGRO, 1900, p. 20-23.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

- Cada um fala de sua amada! Eu também tenho saudade de minha Eulina, e é ao som das granadas que vou dar expansão ao meu estro...

E a despeito da oposição dos companheiros e até da ameaça do comandante, tenente-coronel Joaquim Cavalcante de Albuquerque, sentou-se na crista da trincheira, de costas para as baterias paraguaias – *que nos mandavam uma bomba de dois em dois minutos*, e nessa arriscadíssima posição, onde qualquer outro não tinha coragem para se *equilibrar*, escreveu as seguintes quadrinhas, verdadeiro improviso, inspirado pelo eco de trezentas bocas de fogo ao som do hino da pátria:

Vagando, Eulina, por um solo inimigo,
Sem que contigo possa amor fruir;
Os dias vê-lo, às noites eu deliro,
E nesse giro só me apraz carpir.

Quando da noite se desdobra o manto,
Eu sofro tanto, como ninguém sofreu;
Volvo à barraca, e no chão deitado
Eis-me prostrado, sem chegar Morfeu...

Assim sofrendo, vão passando as horas
Té que a desoras me torno febril...
Visões fantásticas, tudo se me afigura
Ser criatura desgraçada e vil...

Brada a corneta, o alarma é dado,
Já levantando no meu posto estou.
Grito ao sargento: – *Forma essa gente!*
E assim dormente revesti-los vou.

Suspende armas! mando em delírio
- É um martírio, mas o que fazer?
Marcha em dobrado! grito *Alto frente!*
E ouço estridente o tambor bater...

Maldirei a hora em que, esquecendo amor,
Anjo de dor, me tornei soldado,
Deixando beijos e carícias mil
Por soldo vil, tão amargurado!

Ao critério do leitor deixo julgar o sangue frio do major Gama, que conseguiu fazer no meio da metralha, *sentindo* o esvoaçar sinistro da morte – o que eu não seria capaz de produzir no remanso de meu gabinete²⁵.

Têm graves erros de metificação essas quadrinhas, não há dúvida, mas o pensamento é claro e demonstra perfeitamente a *normalidade da circulação* no momento em que o seu autor traçava aquelas estrofes à sua amada.

Em minha opinião, o major Gama provou ser mau poeta *debaixo de fogo*, mas ser de uma temeridade pouco comum.

Por muito menos Argereau ganhou em Arcole o bastão de marechal de França e o *sargento* Junot, no cerco de Toulon, deu o primeiro passo para cingir-se com a coroa do Ducado de Abrantes.

Um, mercê de sua força hercúlea, teve a honra de agarrar Bonaparte pela gola e arrancá-lo do pântano em

²⁵ Disse-me um amigo “entendido” que essa poesia era uma paródia de não sei que produção de um dos nossos grandes poetas.

Paródia ou não, o major Gama a escreveu na crista da trincheira, como me afirmaram diversas testemunhas.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

que se ia afogando; o outro *agradeceu* a uma bala a areia que atirou sobre o papel em que acabara de escrever: fatos trivialíssimos entre nós, mas que a França decanta em todos os tons...

Se o nosso major pertencesse a qualquer outro exército europeu, a sua façanha estaria até hoje ignorada?... »



- Bento Luiz da Gama -

Um jovem militar, Antônio Carlos de Mariz e Barros, foi outro personagem exaltado por Arthur Montenegro. Carioca de nascimento, Mariz e Barros seguiu uma linhagem familiar de serviços prestados à marinha, sendo filho do almirante Joaquim José Inácio de Barros, Visconde de Inhaúma. Conquistaria certo reconhecimento ainda no início de sua carreira, em operação de salvamento de embarcação no Rio de Janeiro e completando seu arco com a participação e falecimento durante as questões platinas, já que, nos conflitos bélicos do Império Brasileiro na década de 1860, esteve presente nas campanhas do Uruguai e do Paraguai. Acerca de tal personagem, o autor cearense/gaúcho publicou “Audácia e valor” no *Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará*²⁶ e, posteriormente, uma versão ampliada, intitulada “O tenente Mariz e Barros”, no livro *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*²⁷. O enfoque acerca do militar concentrou-se em uma primeira parte destinada à operação de socorro a um navio e uma segunda voltada à presença do mesmo na Guerra do Paraguai, incorrendo em uma associação entre a heroificação e a martirização, guindando-o ao panteão do “herói” que morreu pela “causa pátria”.

²⁶ MONTENEGRO, José Arthur. Audácia e valor. In: *Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará para o ano de 1898*. Fortaleza: Tipografia Universal, 1898. p. 137-139.

²⁷ MONTENEGRO, 1900. p. 24-28.

«Esplêndida a manhã de 20 de fevereiro de 1859.

Garbosa corveta, proa ao N., veleja mar em fora, singrando rápida as alturas da Ilha Grande.

Gáveas e papa-figos, enfumados pela fresca brisa de NNE., imprimem oito nós ao formoso barco, cujo talha-mar corta altaneiro aqueles mares de esmeralda, com a poética majestade do branco e saudoso alcione.

No horizonte nenhuma vela suspeita.

Nenhum navio negreiro cruza nessas paragens vigiadas pela veleira *Campista*, mandada pelo jovem Mariz e Barros – o terror desses piratas de carne humana, miseráveis algozes de uma raça infeliz²⁸.

O vigia das gáveas assinala uma vela a E.

Imediatamente Mariz e Barros ocupa a ponte, cada qual guarda o seu posto e a corveta – ligeira gaivota deslizando a flor das ondas – manobra no sentido de reconhecer o navio que aparece ao longe.

Eram oito horas da manhã.

Às dez estava à vista um lugar desconhecido, navegando a todo pano.

Conformação e pintura do casco, disposição do aparelho, rapidez de manobra denunciando essa precisão técnica peculiar aos corsários – tudo induzia

²⁸ A maior parte dos nossos vasos de guerra e todos os navios da estação naval da Inglaterra, no Atlântico meridional, cruzavam então nas costas brasileiras, perseguindo os navios empregados no tráfico de africanos, esse comércio odioso que a Lei de 7 de novembro de 1831 abolira sob penas rigorosas.

crer estar ao alcance dos telescópios um navio negreiro desconhecido nos mares do Brasil.

Mariz e Barros manda içar a flâmula e a bandeira; um tiro de canhão firma a intimação de *chegar à fala*.

O navio suspeito, porém, continua impassível a sua derrota...

Segundo e terceiro tiro da *Campista*.

Nada! O pirata faz-se ao largo, aumentando o pano.

Impaciente, tremendo de raiva ante a expectativa de perder a presa, Mariz e Barros grita à tripulação: – *Larga tudo! Fora cutelos e varredouras...*

E a corveta, obedecendo aos intuitos do fogoso comandante e da ardida guarnição, atira-se veloz sobre a crista espumante das vagas, encurtando precipite o espaço que a separa do misterioso barco que veleja no bordo do mar.

No convés brasileiro prepara-se tudo para o combate: guarnição a postos só esperam o sinal do chefe, pelo apito do guardião para fulminar o barco negreiro que parecia zombar da pequena corveta, mostrando seis largas portinholas e a boca escura de outras tantas caronadas...

Duas milhas apenas separavam os contendores.

Então, do passadiço da *Campista*, vê-se a olho nu alteroso navio armado em guerra, guarnecido de numeroso pessoal... mas, a *Campista* avança sempre!

Súbito amaina o vento!

O pano, momentos antes entesado pelo fresco terral, bate agora ao compasso do balanço, ao som

plangente dos gemidos das retrancas em sua eterna luta com as escotas.

A raiva apodera-se de todos!

Do comandante ao último grumete, apodera-se o furor do despeito, a ira da impotência, o desejo agora de lutar a todo transe...

– *Escaleres ao mar e à abordagem!*... ordena o moço comandante.

Soa o apito, gemem as talhas nos cadernais e num abrir e fechar de olhos dois terços dos homens da *Campista* – vinte e oito bravos – guarnecem dois escaleres.

Vinte e dois remos fendem as águas e à vaga larga, quais velozes cetáceos, voam os barcos ao encontro do navio pirata, que nesse momento, percebendo a manobra dos brasileiros, parou, atravessando...

À meia amarra do navio suspeito, Mariz e Barros manda levar remos.

De pé, no castelo do primeiro escaler, espada em punho, prestes a ensinar aos seus homens o caminho da luta, grita:

À abordagem!

Então viu-se uma cena indescritível, digna dos heróis de Plutarco.

O comandante contrário, rodeado de seus oficiais, no passadiço do *Beacon*, levanta a voz firme e sonora:

Hurrah!... Hurrah!... responde a maruja, trepando as vergas, ao mesmo tempo que ao penol da fragata era levantado o pavilhão de guerra da orgulhosa Albion!...

Ao som do pífaró e tambor, em marcha batida, ergue-se também ao tope grande do vaso britânico o pendão auriverde do Brasil; vinte tiros de peça saúdam aquele rasgo de heroísmo de um punhado de bravos.

O barco suspeito era a fragata inglesa *Beacon*, chegada há pouco da Europa e que nessas alturas também cruzava perseguindo os navios negreiros.

Seu comandante, comodoro E. Parsons, vira a galhardia do jovem chefe brasileiro e, admirado da sua resolução de tomar de abordagem, com duas dúzias de homens, um vaso artilhado, deixara que ele se aproximasse para recebê-lo com essa tríplice saudação que os velhos marinheiros sabem tributar aos feitos de audácia e valor.

A rainha dos mares sagrava o herói brasileiro à sombra da mesma bandeira que tremulara vitoriosa em Trafalgar: Nelson fora o paraninfo, o oceano a imensa pia batismal para o jovem Mariz e Barros.

Sete anos depois, Antônio Carlos Mariz e Barros, honrando o nome glorioso que usava, recebia a sagração de herói na luta travada entre o Brasil e o Paraguai.

Comandando o couraçado *Tamandaré*, o primeiro barco desse gênero construído na América Latina, assinalou-se entre os mais ousados, desde que a

esquadra brasileira enfrentou as fortificações paraguaias, que seu pai, o benemérito almirante Visconde de Inhaúma, teve a glória de arrasar em três anos de combates diários. (...)

O forte Itapiru, auxiliado por uma chata, rompeu vivo fogo contra o couraçado *Tamandaré*, que, avançando das Três-Bocas, tomara posição a uma milha da fortaleza para proteger a passagem da esquadilha exploradora.

Às 3 horas da tarde o navio almirante fez sinal de retirada, e no momento em que o *Tamandaré* tocava atrás para ganhar o canal, por não poder dar volta do lugar onde estava, uma bala de 68, acertando na *cortina de correntes*, que protegia uma portinhola, penetrou na casamata, fazendo horrível destroço...

Trinta e quatro pessoas, entre oficiais e praças, foram vitimadas pelo projétil e pelos elos da corrente que voaram em todas as direções.

Mortos horripelantemente mutilados ficaram logo o imediato do navio, 1º tenente Vassimon, o comissário Acioli, o escrivão Alpoim e dez imperiais marinheiros.

Mortalmente feridos caíram: o comandante Mariz e Barros, o 1º tenente Silveira e quatro navais. (...)

No dia seguinte, 28 de março de 1866, expirava no hospital de sangue de Corrientes o jovem e heroico marinheiro.

Tiveram de amputar a perna dilacerada; ofereceram-lhe clorofórmio; recusou:

Prefiro um charuto; deem-me aceso e cortem...

E fumou tranquilamente durante a dolorosa operação!

À meia noite sentiu aproximar-se o momento supremo: beijou o retrato da esposa, recordou os filhinhos e por último disse ao Dr. Carlos Frederico:

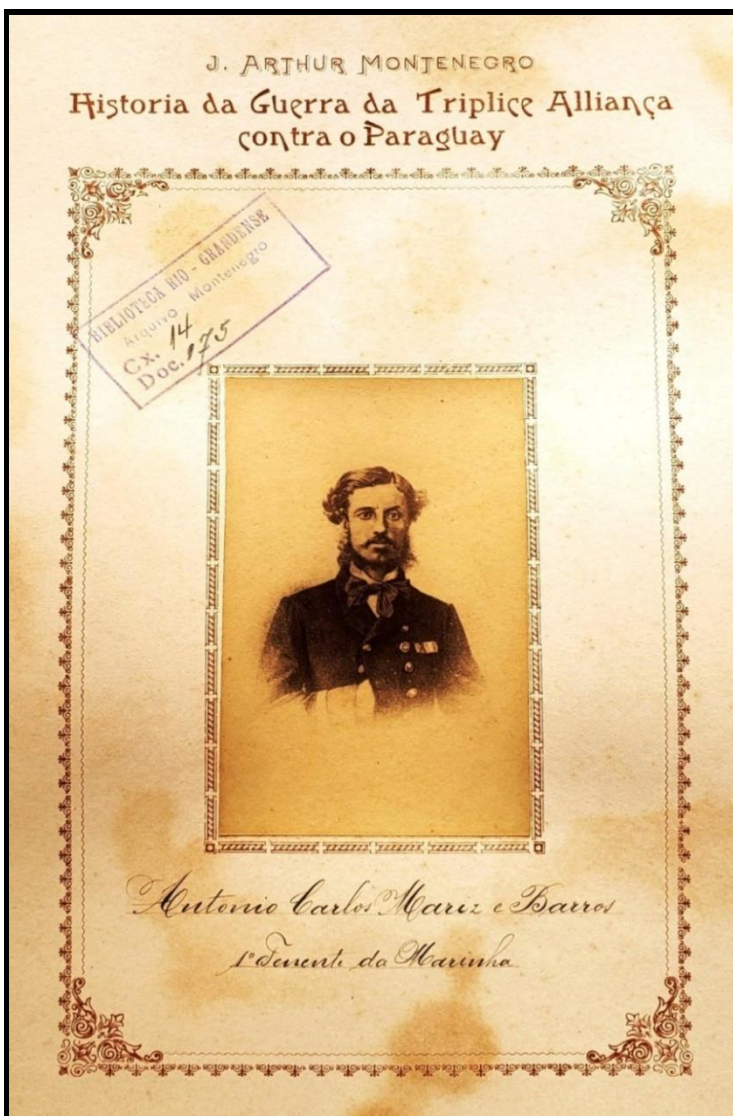
UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO

*Mande dizer a meu pai que eu soube sempre honrar o
seu nome.*

E finou-se o herói!»



- Antônio Carlos Mariz e Barros ao lado do pai -



- Antônio Carlos Mariz e Barros -

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- Antônio Carlos Mariz e Barros -

Um militar e um político foram os objetos de abordagem de outro artigo de tom personalizador publicado por José Arthur Montenegro, sob o título “Caxias e Paranaguá”²⁹. Eram eles Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, militar que participou de significativa parte dos embates bélicos internos e externos nos quais o Império Brasileiro esteve envolvido e João Lustosa da Cunha Paranaguá, o Visconde de Paranaguá, autoridade pública com expressão jurídica e política, à época Ministro da Guerra. O texto descrevia a conjuntura do momento do confronto bélico entre Brasil e Paraguai, trazendo por destaque a escolha de Caxias por parte do gabinete para liderar as forças brasileiras, apesar das discrepâncias político-partidárias entre o militar, conservador, e a pasta dominante, liberal. O sentido geral era demonstrar que a causa pátria teria ficado acima das discordâncias e dos enfrentamentos partidários.

«O revés de Curupaiti, a retirada do general Flores do teatro da guerra, a revolução federalista na República Argentina, a desarmonia de Polidoro, Porto Alegre, Tamandaré e os generais aliados, a intriga – até então sopitada por um tal ou qual *pudor nacional* – explodindo sem reboço nos acampamentos onde iam se refletir com paixão as vicissitudes da política interna – todo esse conjunto de desgraças, ameaçando os destinos da pátria e comprometendo a *situação militar* da campanha, repercutiu de chofre no seio do gabinete,

²⁹ MONTENEGRO, 1900, p. 35-50.

cujos membros, empenhados na defesa nacional, em meio de complicações ingentes, mal podia de momento avaliar o *estado* da guerra que se feria a 300 léguas de distância.

A situação, entretanto, se definia clara e positiva: a Aliança precisava mais de uma cabeça que dirigisse a guerra com acerto e vigor, que refreasse as paixões, restabelecesse a disciplina, tornando homogêneo aquele fracionado exército, que de elementos materiais ou de reforço de tropas.

E só existia um general na altura dessa missão – o Marquês de Caxias – apontado desde muito pela opinião pública como único capaz de levar a guerra a bom termo; mas, sendo ele *conservador*, dois ministérios *liberais* se tinham sucedido no poder, deixando-o no *esquecimento*, porque não tiveram civismo bastante para romper com os prejuízos dominantes entre os partidos que em sua férrea intransigência não admitiam colaboração do adversário em circunstância alguma da vida nacional.

Caxias, vencedor de quatro campanhas, organizador, prudente, circunspecto, já tinha um nome com tanto prestígio que por si valia um exército. Nenhum general dos três países reunia as qualidades político-militares do eminente cabo de guerra, mas tal era a força das paixões políticas da época que nem o gabinete de 31 de agosto, nem o de 1º de maio se lembraram do velho e experimentado guerreiro para comandar o exército que se batia esterilmente no Paraguai.

*

* *

Zacarias de Góes e Vasconcelos, presidente do conselho de ministros, João Lustosa da Cunha Paranaguá, ministro da guerra, mostraram em tão grave momento um rasgo de patriotismo e desprendimento de tal magnitude que só por si bastaria para imortalizá-los, se outros serviços ao país já lhes não tivessem sagrado beneméritos da pátria!

Paranaguá, em nome do gabinete, convidou o Marquês de Caxias para dirigir a guerra: – o governo conferia plenos e amplíssimos poderes para o general proceder como melhor entendesse convir às operações e aos interesses da nação.

Zacarias, secundando os esforços do colega para inspirar confiança na lealdade do gabinete, dizia com nobre franqueza:

“Se V. Ex. manifesta o pensamento de não poder servir com o gabinete atual, o ministério, colocando os interesses da nação acima das conveniências políticas, está disposto a deixar o poder...”

Caxias compreendendo o altruísmo de semelhante proceder e bem pesando a situação aflitiva do país, não vacilou em aceitar a comissão e seguiu para o teatro da guerra.

É que Zacarias e Paranaguá, como estadistas, tinham a mesma envergadura moral do velho guerreiro: a pátria acima de tudo. (...)

*

* *

Eis o que foi essa memorável sessão do conselho de Estado pleno, sem dúvida a de mais interesse histórico e de mais gravidade de quantas houve durante o segundo Império.

Quanto ao desfecho da questão, eis como termina o precioso manuscrito a que me tenho referido:

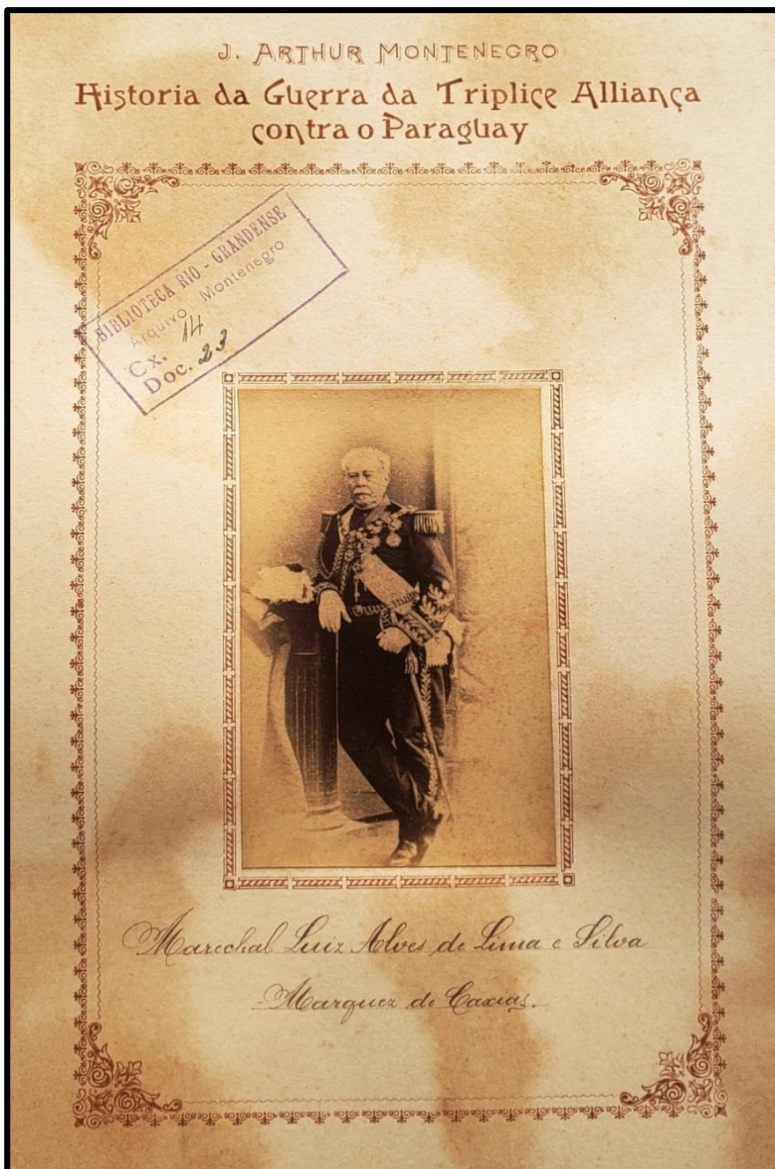
“... O ministro da guerra, que, aliás, manteve sempre as melhores relações com o Marquês de Caxias, comandante em chefe, devolveu-lhe aquele documento, embora trouxesse a nota de *particular* por intermédio do Conde de Tocantins, irmão do Marquês. Este, melhor aconselhado e certo da confiança plena e do apoio que nunca lhe faltou, da parte do ministério, continuou à testa do valente exército que nos deu tantos dias de glória no completo desagravo da honra nacional.”»

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



- Luiz Alves de Lima e Silva -

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO

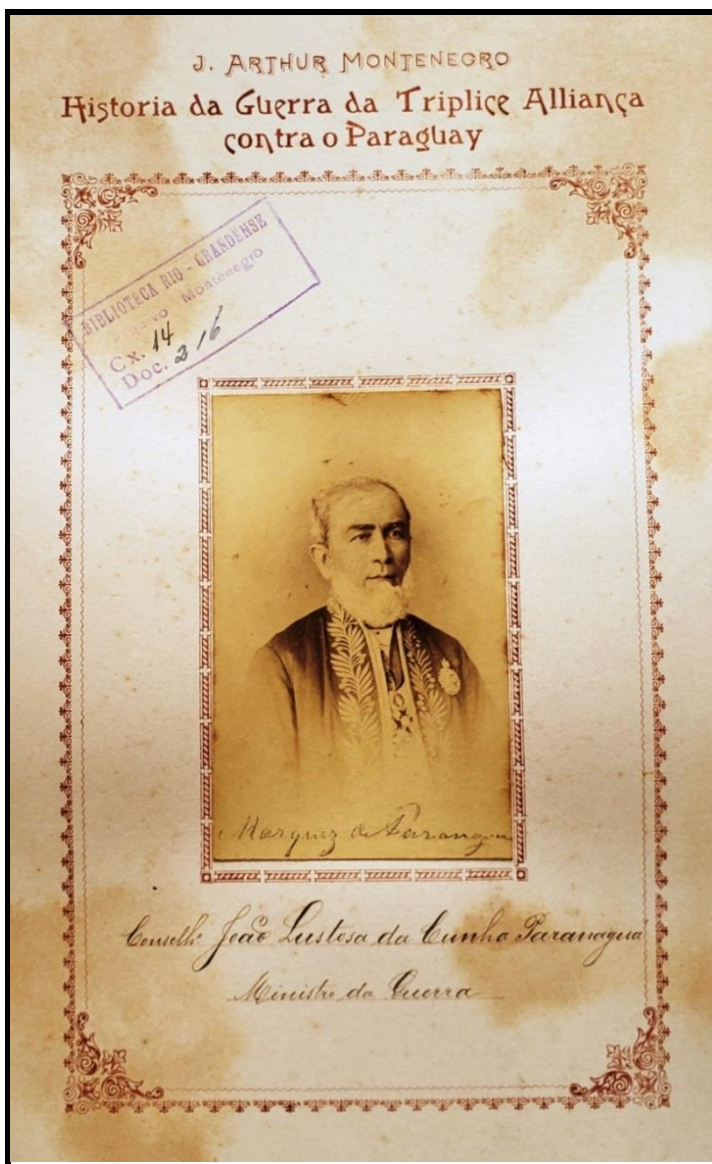


- Luiz Alves de Lima e Silva -



- João Lustosa da Cunha Paranaguá -

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- João Lustosa da Cunha Paranaguá -

O cenário de outro escrito elaborado por Montenegro era a Batalha de Curuzu e o personagem enfatizado não era um oficial, e sim um soldado voluntário, tratando-se do sergipano Francisco Camerino de Azevedo, o qual lutou, foi ferido e morreu por ocasião da Guerra do Paraguai. O texto original denominou-se “Reminiscências da História Brasileira – a morte de um bravo” e foi publicado na *Revista Moderna*, sendo descrito como “um eco retrospectivo das mais brilhantes páginas das nossas glórias”, redigido pelo “competente escritor militar J. Montenegro”, que “firma com talento e estilo” este “artigo acompanhado de ilustrações da época”³⁰. O título repetiu-se reduzido como “A morte de um bravo”, no livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai* ³¹. Conhecido como “Livre Caçador” foi outro personagem retratado como herói e mártir, por ter perecido em território inimigo em nome da “defesa da pátria”.

«Calaram-se os canhões da esquadra, emudeceram as baterias de Curuzu, após seis horas de vigoroso bombardeio.

– Do quartel general do comando em chefe partiu o emocionante sinal de *Avançar...* os clarins de todas as divisões de brigadas, os tambores de todos os corpos responderam o toque de *Carga*.

³⁰ MONTENEGRO, José Arthur. *Reminiscências da História Brasileira – a morte de um bravo*. In: *Revista Moderna*. Paris, a. 2, n. 24, ago. 1898, p. 771-772.

³¹ MONTENEGRO, 1900. p. 51-55.

E ao clangor dos bélicos instrumentos dezenove mil homens, em quatro colunas, correram impávidos para as formidáveis linhas de Curupaiti.

Serpenteando na vasta planície – qual terrífica avalanche rolada da montanha, aquela imensa multidão seguia a marche-marche contra cinquenta e oito bocas de fogo e oito mil carabinas trepadas nas alterosas ameias do baluarte paraguaio.

Imponente espetáculo!

Súbito, um relâmpago correu na crista do entrincheiramento inimigo; esbranquiçada fita de fumo desdobrou-se célere por sobre aquele dorso gigantesco, seguindo-se medonho estampido, que reboou lugubrememente nas selvas do Grão-Chaco, qual trovão ciclópico nas convulsões dantescas de uma tempestade infernal. E uma abóboda de granadas, assoviando sinistramente no espaço escuro de fumo e pó, saudou os aliados que avançavam a passo de carga, deixando na planície uma esteira sangrenta de cadáveres despedaçados.

Cerrou o fogo!

Às descargas de fuzilaria seguiam-se as descargas dos canhões sem o intervalo de um instante e aquele contínuo estrugir de obuses, casando-se com as explosões das bombas, semelhava o rufo pavoroso de imenso e descomunal tambor.

Em ondas alterosas rebentavam as águas do rio, açoitadas violentamente pela expansão prodigiosa daquela atmosfera revolta.

Tremia a terra em vibrações estranhas.

O primeiro entrincheiramento paraguaio foi tomado sem um tiro, a coice de armas, à baioneta, no violento empuxo do primeiro arranco.

Mas... quinhentos metros atrás do primeiro corria o segundo entrincheiramento, mais alteroso, mais formidável, mais difícil para o assalto.

- Tríplice linha de obuses, precedendo vinte e quatro ordens de bocas de lobo na frente de largo e profundo fosso, estendiam-se ao pé da escarpa de alterosa muralha com trinta e três palmos de elevação.

Quatro redutos salientes cruzavam fogos mergulhantes com a cortina em ziguezague, que unia as selvas impenetráveis da Lagoa Pires à barranca abrupta do Rio Paraguai.

Contra esse colosso de argila, coroado de canhões e carabinas que vomitavam milhões de projeteis, avançaram a peito descoberto, armas suspensas, bandeiras desfraldadas, cinquenta e dois batalhões de infantaria.

E ao aspecto imponente dessa carga sem exemplo nas Américas, a guarnição paraguaia deu meia volta e fugiu...

O paul, os abatises, as bocas de lobo, os fossos, o talude íngreme da trincheira, a fuzilaria, a metralha - tudo isso deteve por instantes aquela massa confusa de homens, que avançava sempre. Quarenta brasileiros pertencentes à coluna da extrema esquerda, os mais ágeis e resolutos, já estavam dentro da fortaleza paraguaia...

Um último esforço, vinte minutos mais naquele inferno de lodo e sangue e a mais estrondosa vitória assinalaria a queda imediata do famoso quadrilátero.

O sinal de *retirada* partiu do quartel-general argentino.

Trezentas cornetas repetiram aquelas notas sentidas que ecoaram no espaço como um pio agourento de funesto presságio...

Os paraguaios animados por esse toque sinistro, reforçados com as reservas, voaram às trincheiras e cobriram a planície com uma chuva de granadas.

Começou a matança!...

Os aliados deram as costas ao inimigo e à metralha na contra-escarpa dos fossos; e, lentamente, apanhando os feridos, que às centenas revolviam-se no campo, recuaram para Curuzu.

A retirada a princípio operou-se em ordem, sem precipitação, por divisões e brigadas, apesar do granizo de metralha que impiedosamente açoitava os cansados batalhões/; mas pouco depois o 11º de voluntários, que fechava a cauda da coluna, atropelando os corpos da frente, como mais exposto à metralha, introduziu a desordem na brigada Silva Paranhos.

Gritos subversivos provocados pela ignorância do que se passava na retaguarda estabeleceram o pânico na coluna do centro...

Então se afrouxaram os laços de disciplina e o exército, perdendo a formatura, enovelando-se num bolo imenso, ondulou na planície sob um vulcão de ferro e fogo.

Debalde os chefes, revólver em punho, procuraram deter a onda... debalde Astrogildo estendera a sua brigada na orla da mata e a tiros de fuzil e a coto de lança tentava restabelecer a ordem; debalde Porto Alegre percorria o campo desafiando a morte naquelas históricas frases:

“Só para mim não há uma bala!”

E a onda rolava sempre com a impetuosidade irresistível do desespero, deixando naquela necrópole imensa uma esteira sangrenta de cadáveres e moribundos!

Quando o 8º de voluntário sergipanos transpunha vitorioso o primeiro entrincheiramento, a explosão de uma granada no flanco da primeira companhia derrubou dezoito homens.

De bruços, coberto de sangue, também caiu Francisco Camerino, o *Livre Caçador*, o ídolo querido da soldadesca do 2º corpo do exército.

Transportado ao hospital de sangue, causou espanto aos próprios médicos o aspecto daquelas feridas sangrentas; as apófises espinhosas das vértebras dorsais e lombares ficaram de todo descobertas; por alguns pontos mais descarnados via-se o arfar dos pulmões...

Vivia ainda...

*
* *

Francisco Camerino nasceu na Estância, em Sergipe, a 21 de agosto de 1841.

Poeta distinto, imaginação de fogo, patriota exaltado, sentiu fundo a afronta paraguaia e, tomando lugar entre os primeiros cidadãos que se gruparam em torno do pendão nacional, correu à fronteira com esses abnegados heróis, *hoje olvidados pela geração moderna*, que a inspiração do gabinete Furtado chamou *Voluntários da Pátria*.

Exemplo único nos anais da porfiada campanha – não se alistou em corpo algum; cumpriu alevantado

dever cívico, sem entregar os pulsos à pesada cadeia disciplinar.

“... Não porque a mochila me possa nodoar, dizia ele, mas porque foi ali que compreendi e conheci em meu gênio um *que* impossível de suportar o rigor da disciplina; também vi que podia ser útil ao país e prestar à minha nação serviço ao meu alcance sem a dependência do Estado”³².

Nada percebia dos cofres públicos: os alimentos e a própria munição que gastava nos combates adquiria com os recursos próprios de sua modesta bolsa.

Armado de magnífica carabina, atirando com rara perícia, entrava em fogo na frente do 8º de voluntários, entusiasmando a soldadesca com o exemplo e com a palavra inspirada do gênio.

Ao lado daquele moço de 23 anos, imberbe quase, figura extremamente bela, simpática, insinuante, que se batia com valor admirável, que afrontava os perigos com estoica abnegação, os fracos criavam brio, os covardes retemperavam-se, dando razão ao poeta:

... Medo tem toda a gente.

Saber disfarçar – é ser valente.

Horrível espetáculo no hospital de sangue!

Sangue por toda a parte; membros humanos, pernas e braços em repugnantes pilhas, misturavam-se numa amálgama horrível com os corpos mutilados, que saíam sem vida do banco das amputações.

³² Carta dirigida ao irmão em 28 de agosto de 1866.

Os médicos, os ajudantes, os enfermeiros, braços arregaçados, suarentos, ensanguentados, multiplicando-se em nobre esforço para atender aos feridos que entravam à formiga, às centenas, aos milhares³³, carregados em padiolas, em macas, sobre varas, nos capotes, sobre carabinas cruzadas, nos braços dos amigos, não poucos pais às costas dos filhos, as próprias mulheres conduzindo os maridos, numa procissão lúgubre, comovedora, interminável – enquanto do extremo oposto da extensa armada, fileira sem fim de padiolas transportavam os mortos para o valado que os sapadores abriam...

E tudo isso apressadamente, sob a impressão moral do desastre sofrido, em confusão, num concerto pavoroso de gemidos e lamentos, de pragas e maldições, de ais lancinantes, cruzando-se com a voz grave e pausada dos capuchinhos que entoavam salmos exortando os moribundos!

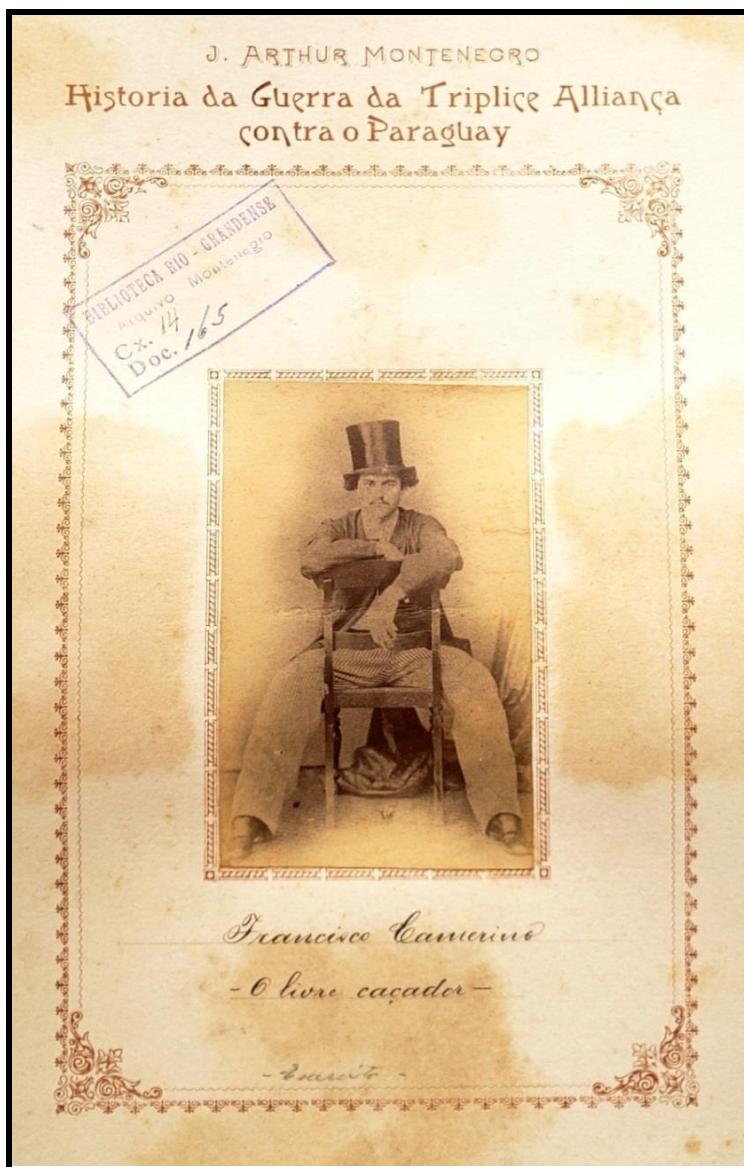
Entretanto, de um extremo ao outro do vasto barracão, correu a notícia de que expirava Camerino, fazendo cessar por instantes aquele indescritível alvoroço e atroadora vozeria: – os gemidos cessaram como por encanto, e, num respeitoso silêncio, todos puderam ouvir comovidos as últimas palavras do jovem

³³ Neste hospital receberam os primeiros curativos 2.550 feridos (1.343 brasileiros, 1.207 argentinos) que em seguida foram transportados pela esquadra para os hospitais de Corrientes.

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO

sergipano, que se finou repetindo a estrofe sentida do
mimoso cantor de D. Jaime

Ou morre um homem na lida
Feliz, coberto de glória,
Ou surge um homem com vida
Mostrando em cada ferida
O hino de uma vitória. »



- Francisco Camerino -



- ilustração da *Revista Moderna* acerca da Batalha de Curuzu, que acompanhava o artigo “Reminiscências da História Brasileira – A morte de um bravo” -

No texto intitulado “Valor indomável”, publicado no livro *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*³⁴, outro soldado esteve em destaque na obra de José Arthur Montenegro. O mesmo foi denominado de “caboclo cearense” e se tratava de Alexandre Baraúna Mossoró. A pauta era a campanha do Uruguai, envolvendo o cerco de Paissandu na República Oriental, com as forças imperiais apoiadas pelos *colorados* uruguaiois, em ataque às tropas dos *blancos*, ocorrido entre o final de 1864 e o início de 1865. A ação militar do personagem era qualificada como de profunda coragem, chegando a ultrapassar a dor e o padecimento dos ferimentos, para não deixar de lado suas funções no ataque aos inimigos. A heroicização e a martirização mais uma vez se fizeram presentes no

³⁴ MONTENEGRO, 1900. p. 56-59.

relato, uma vez que o militar em destaque também perdeu a vida no teatro das operações bélicas.

«Foi diante dos muros de Paissandu.

A brigada brasileira do general Antônio de Sampaio avançava pelo norte da praça, tomando à baioneta as barricadas opostas pelo inimigo de quarteirão em quarteirão; cada açoteia, transformada em inexpugnável reduto, exigia uma escalada em regra.

As bombas e a metralha cruzavam-se por toda parte; o sangue corria a jorros, formando poços, escorrendo pelas sarjetas das ruas cobertas de mortos e feridos.

Quarenta e duas horas havia decorrido desde o começo do ataque e nesse longo espaço de tempo o estrépito da fuzilaria não cessara um segundo; a cidade, envolvida em espessa nuvem de fumo, parecia presa de um vasto e pavoroso incêndio.

À tenacidade do ataque igualava o heroísmo da defesa.

*
* *

A confusão era horrível!

À medida que iam avançando os batalhões por aquele dédalo de ruas, vielas estreitas e tortuosas, se cuidava de conduzir os feridos que ficavam na retaguarda. Havia o perigo da retirada e era necessário salvar esses desgraçados que podiam a cada momento encontrar a morte debaixo das patas dos cavalos, os esquadrões de Flores, os corpos da brigada ligeira e os

regimentos de Osório manobravam em todas as direções a par da infantaria!...

Duas companhias do 3º batalhão atacavam a *Anela Dorada*, onde alguns centos de inimigos defendiam com furor o velho casarão crivado de obuses.

O capitão Francisco Frederico Figueira de Mello, como oficial mais antigo, dirigia o ataque: – verdadeira escalada.

Um soldado, tranquilamente ajoelhado junto à sua carabina, fazia atadura de lenço; – um golpe de lança lhe atravessara a face direita, a esclerótica saltara e pelo álveo da córnea um jorro de sangue saía.

Que fazes aí, Alexandre. Estás ferido? Vai para ambulância! gritou-lhe Figueira de Mello.

Para ambulância! eu para ambulância, meu capitão? responde o velho soldado de Moron.

Vai te curar antes que fiques aí desmaiado. Estás com a vista perdida desgraçado!

É verdade, meu capitão, mas o *canhoto* ainda enxerga...

E o soldado, pronta a atadura, endireitou-se, tomou da espingarda com gesto enérgico e correu para a frente antes que Figueira de Mello pudesse detê-lo.

Um quarto de hora depois a *Anela Dorada* era tomada, mas a luta continuava nos muros dos quintais, transformados pelos *blancos* em outras tantas trincheiras!

Uma bala inimiga veio ferir o braço direito de um soldado que se esforçava para trepar um muro...

O soldado rolou por terra, já do lado oposto, onde se brigava corpo a corpo, à baioneta, com os *blancos* entrincheirados atrás de uma pilha de tijolos.

Figueira de Mello corre a levantá-lo...

Ah! é *vamcê* meu capitão? Os gringos *implicaram* comigo, mas eu me vingo...

E ainda não estás satisfeito, Alexandre? Vai para a ambulância se ainda podes andar!

O soldado não respondeu, mas agarrando a carabina pela boca e manobrando-a com clava atirou-se no meio da luta, gritando:

Agora, *gringos*, é com o canhoto!

*
* *

O capitão Figueira de Mello, maravilhado ante tão grande bravura, seguiu o valente caboclo que fazia com a sua clava horrível destroço no grupo dos *blancos* que lutavam como leões.

Sua primeira vítima foi um oficial: formidável pancada, com a face da coronha esmigalhara o crânio do infeliz... três vítimas seguiram-se à primeira, derrubadas pela força hercúlea do caboclo nortista...

De repente, ferido em pleno peito, caiu o desgraçado!

O oficial aproximou-se: horrível expressão naquele rosto mutilado. Olhou para o chefe, quis falar e uma golfada de sangue saiu pela boca...

Suas últimas palavras resumiram um mundo de felicidade e amor: recordava o regaço materno e a pátria querida.

Minha mãe... Viva o Mossoró!,³⁵

³⁵ Com o estrépito da luta não se percebeu bem se ele queria dizer que sua mãe “vivia em Mossoró” ou se deu um “viva” ao berço natal.

*
* *

Alexandre Baraúna Mossoró, soldado da 5ª companhia do 3º batalhão de infantaria, era natural da margem cearense do Rio Mossoró, onde tinha sua velha mãe a quem servia de arrimo.

Era um caboclo baixo de estatura, fisionomia simpática, excessivamente reconcentrado, obediente, serviçal e muito estimado no corpo onde servia, desde 1851, sem cometer uma só transgressão disciplinar.

O asseio de seus uniformes e o trato cuidadoso de seu armamento, mais de uma vez chamara atenção dos chefes que lhe dispensavam particular atenção.

Quando o exército reunia-se em Piraí-Grande, em novembro de 1864, foi promovido a cabo de esquadra e escolhido para ordenança efetiva do comandante em chefe, o general João Propício.

O caboclo cearense foi logo à barraca do coronel Sampaio se empenhar para ficar sem efeito a sua promoção, confessando ao coronel que assim procedia porque não *nascera para criado de ninguém*, e de tal modo se expressou que Sampaio, tomando vivo interesse por aquela rude e nobre altivez de caráter, conseguiu do general a nulificação do posto dado ao soldado Mossoró.

*
* *

Findo o combate, o general Antônio Sampaio, informado da trágica morte de Alexandre, foi em pessoa procurar o seu cadáver e, acompanhado por muitos

oficiais, assistiu à inumação, mandando colocar sobre a sepultura tosca cruz de madeira com esta inscrição:

Respeitai o jazigo de um bravo.

Depois da capitulação de Montevidéu, o general Antônio de Sampaio enviou à mãe de Alexandre 35\$000 em dinheiro, produto de uma subscrição iniciada pelo capitão Figueira de Mello entre os oficiais cearenses da 6ª brigada: última homenagem prestada à memória do ignorado herói de Paissandu, cujo nome, felizmente, pude salvar do olvido.»

A presença feminina junto às tropas brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança foi o fio condutor do texto “A Piriquita”, publicado no livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*³⁶. No século XIX, o acompanhamento de mulheres junto às forças armadas era comum, como no caso das vivandeiras, que se mantinham junto aos combatentes no intento da provisão de alimentos ou assistência nos acampamentos. O próprio Arthur Montenegro descrevia tal participação, nas ações das quais participou, mormente na guarnição das fronteiras sul-rio-grandenses, ressaltando a resistência das representantes do sexo feminino. Também no contexto gaúcho, Montenegro conviveu com a Revolução Federalista, na qual a existência de vivandeiras foi comum. A personagem em pauta, a *Piriquita*, optara por pegar em armas e ir para o front, de modo que estaria a representar “o elemento feminino no assalto de Curuzu”, em uma atitude que serviria para demarca o “protesto solene ao preconceito social que

³⁶ MONTENEGRO, 1900. p. 60-63.

empresta à mulher incapacidade para as grandes empresas". O autor ressaltava que "a presença da mulher é de extrema necessidade nos acampamentos", chegando a defender que "seria medida de grande alcance prático dar" a elas "todas as facilidades para acompanhar o marido à guerra".

«Estava ainda escuro quando entrou em forma o 1º corpo do exército.

Das trincheiras de Curuzu rompeu vivo fogo de artilharia.

Os canhões do 4º corpo provisório, assestados no espaldão construído durante a noite, responderam com vigor.

Duas colunas lançaram-se ao assalto: na esquerda o general Gonçalves Fontes guiava cinco batalhões de infantaria; na direita Albino de Carvalho conduzia seis corpos contra o baluarte paraguaio.

E esses onze batalhões, rivalizando em audácia e disciplina, a passo de carga, galgaram impetuosamente a alterosa trincheira; no recinto travaram renhida luta à baioneta, a coice de armas, com a guarnição paraguaia que defendia com furor a posição que lhe confiara o marechal Solano Lopez.

A 4ª brigada de caçadores, comandada pelo coronel Agostinho Piquet, obliquou à direita para contornar a esquerda da praça; a chegada desses quatro corpos desmoralizou o inimigo: principiando a fuga, começou a matança...

Em três quartos de hora o 2º corpo do exército, tomando de assalto o forte inimigo, realizou uma das

mais ousadas façanhas que registram os anais dessa porfiada e longa guerra.

Curuzu será sempre o maior florão de glória para esses *paisanos armados* que o general conde de Porto Alegre guiou às plagas inimigas em desafronta da honra nacional.

*
* *

No flanco direito da 6ª companhia do 5º corpo de caçadores, *um soldado* se distinguira na escalada e na luta à arma branca travada no recinto do forte.

Ainda na meia obscuridade em que principiou o ataque, o coronel Piquet observara por vezes *esse soldado* animar os companheiros e manobrar com precisão a pesada carabina Minié; vira a destreza com que escalara a trincheira guiando o primeiro grupo que por esse lado entrou na fortificação.

Quando começou o entrevero e que as companhias debandaram nessa desordem característica que prenuncia a vitória, na qual soldados e oficiais em grupos formados ao acaso, em absoluta promiscuidade de graduações, agem por conta própria no extermínio do inimigo desmoralizado e vencido, o comandante da 4ª brigada de caçadores ainda observou o *mesmo soldado* praticar um ato de destreza e sangue frio, quando dirigia o grupo nosso contra outro do inimigo que se retirava combatendo.

Alentado oficial atirara formidável golpe de longa e recurvada espada contra um soldado brasileiro, mas o cano da carabina do *companheiro* recebera em cheio a pancada e, por um rápido movimento que faria

honra a adestrado esgrimista, embebera no peito do adversário a baioneta triangular...

O coronel chegava junto ao grupo no momento que o soldado, tão oportunamente livre de tal golpe, dizia ao companheiro:

Obrigado, Piriquita!

O coronel Piquet, intrigado com o estanho apelido em tão bravo soldado, reparou então que ainda mais estranho era o seu fardamento: – blusa azul, *saia encarnada* e chapéu de voluntário... duas bolsas cheias de cartuchos e bernal a tiracolo, cinturão e patrona completavam o equipamento...

*

* *

Findo o combate foi a *Piriquita* interrogada...

Simple e natural, a sua presença representando o elemento feminino no assalto de Curuzu; protesto solene ao preconceito social que empresta à mulher incapacidade para as grandes empresas.

Na Tranqueira do Loreto embarcou o 2º corpo do exército nos navios da divisão Torres e Alvim para descer o Paraná até o Passo da Pátria.

As mulheres tiveram ordem de acompanhar as bagagens, os fornecedores e a cavallhada que desceram por terra, seguindo à margem corrientina até o porto de Corrales.

A *Piriquita*, porém, não estava resolvida a separar-se do *seu homem*, e não tendo coragem de sofrer as dores surdas e acabrunhadoras da saudade, enfronhou-se num fardamento, embarcando com a brigada no meio da soldadesca que a protegeu no ardil...

Desembarcou em Itapiru, seguiu para Tuiuti com o 5º de caçadores que entrou em fogo no Boqueirão e nos Sance (16 e 18 de julho), arranjando-se por tal forma que a sua presença não foi notada pelos superiores.

Resolvida a ocupação de Curuzu, na direita do quadrilátero paraguaio, o barão de Porto Alegre ordenou que todas as mulheres que já se achavam com o 2º corpo do exército seguissem para Corrientes.

A *Piriquita* não teve coragem de cumprir a ordem do quartel general; usou do mesmo estratagema que tão bons resultados lhe dera na Tranqueira do Loreto e lá se foi com o 5º de caçadores cobrir-se de glória no assalto de Curuzu.

*
* *

Quando o 2º corpo do exército marchava de São Borja para o teatro da Guerra do Paraguai, levava um verdadeiro exército de mulheres acompanhando a sua pesada bagagem e imensa cavallhada.

Exército organizado com paisanos ressentia-se de todos os defeitos inerentes a tropas milicianas.

O barão de Porto Alegre, encarregado de disciplinar essa massa de *paisanos armados* – que aos reclamos da pátria se reuniram em torno do pendão nacional para vingar ultrajantes afrontas do déspota paraguaio – sensatamente tomou a resolução de ir pouco a pouco cortando semelhantes defeitos, à medida que militarizava os corpos – única maneira, aliás, de evitar as deserções em massa tão comuns nos improvisados exércitos da América Latina.

Entretanto, a presença da mulher é de extrema necessidade nos acampamentos e se não fosse o perigo de incutir o desânimo no soldado em momentos de ataques súbitos ou de insucesso em qualquer operação, seria medida de grande alcance prático lhes dar todas as facilidades para acompanhar o marido à guerra.

Refiro-me, porém, à mulher do soldado; à mulher que, pertencendo às classes inferiores da sociedade, é capaz dos mais nobres sacrifícios, da mais sublime dedicação; à que *marcha a pé*, carregando satisfeita e contente a metade do equipamento do *seu homem*; à que, depois de percorrer a regulamentar dezena de léguas, vai ainda, no bivaque, buscar lenha, preparar a frugal refeição, lavar a roupa e cuidar dos filhos; à que, nas ambulâncias e hospitais de sangue cerca de mil cuidados os desgraçados enfermos que nesse ente dedicado encontram compensação do perdido conforto, nas agruras da vida em campanha³⁷.

³⁷ Testemunhei a fortaleza de ânimo dessas mulheres, que na minha terra têm o significativo nome de “cunhã de soldado”, quando em abril de 1885 marchei de Bagé para o Caverá com o 17º batalhão de infantaria. Muitas vezes, depois de violenta marcha através de intermináveis coxilhas, um terço do batalhão ficava prostrado na estrada: jamais vi caída uma só das 86 mulheres que nos acompanhavam! E ainda mais, quase sempre, quando os sargentos tomavam alinhamento para acampar, da “aldeia” das mulheres, lá na costa do arroio, já subia esbranquiçado fumo de improvisadas fogueiras, anunciando “boia” aos debilitados estômagos... Quantas vezes, estendido em minha barraca, exausto, alquebrado de cansaço por forçada marcha de seis, oito e dez léguas, ouvia gemer a viola, na aldeia, ao compasso da qual elas “sambavam” toda a noite, e no outro dia, quando recomeçava

Essa é a mulher necessária na guerra e se não houvesse cerca de quatro mil filhas de Eva nos acampamentos de Tuiuti e Curuzu quando invadidos pela cólera, duplicado seria o número de vitimados pelo terrível habitante do Ganges.

Porto Alegre assim compreendeu; levou dois exércitos: só um combatia, o outro ajudava.»

“O tenente Vassimon” era o título de outro artigo de cunho biográfico escrito por J. Arthur Montenegro, o qual foi publicado no livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*³⁸. A redação recaía sobre o 1º tenente Francisco Antônio de Vassimon, que nasceu no Rio de Janeiro, em 1835, vindo a desenvolver carreira na força armada, tornando-se aspirante a guarda-marinha, em 1851, guarda-marinha, em 1854, segundo-tenente, em 1857, e primeiro-tenente, em 1860. Foi morto em combate a bordo do Encouraçado Tamandaré, em 27 de março de 1866. O texto do escritor cearense/gaúcho se referia a um episódio do cerco de Paissandu, na campanha do Uruguai, no qual apresentava uma perspectiva da versão brasileira para aquele conflito e, ao final, ressaltava o papel de Vassimon na defesa da nacionalidade brasileira.

«Desde que romperam as hostilidades entre o Brasil e a República do Uruguai, o corpo diplomático e

a viagem, lá iam as nossas companheiras, carregadas de “apetrechos”, na retaguarda da coluna, em alegre vozeria!...

³⁸ MONTENEGRO, 1900. p. 67-71.

os chefes das estações navais europeias no Rio da Prata mostraram decidida simpatias pelo governo *blanco* que dominava a República.

Provocava esse sentimento a política indefinida do governo brasileiro e a dubiedade de sua ação militar nos primeiros meses do ano de 1864 – que mais parecia oculta animação ao partido que hasteara a bandeira da revolta, que um formal ajuste de contas entre potências soberanas.

E ainda assim: o poder de um vasto Império contraposto ao de uma fraca República, dilacerada e empobrecida pelas guerras civis, a aparência de *provável* guerra de conquista, justificada pela tendência natural das grandes nacionalidades em absorver os pequenos povos vizinhos, após esses atritos de fronteira onde se chocam e se confundem tantos interesses públicos e privados, todas essas razões, que avultavam pela aparência, aliadas à simpatia que desperta o fraco que luta contra o forte, tudo isso, digo, determinava atitude quase hostil assumida pelos representantes das grandes potências ante o conflito brasileiro-uruguaio.

Felizmente a chegada do conselheiro Paranhos (mais tarde Visconde do Rio Branco) ao teatro dos sucessos, pôs termo à situação embaraçosa em que se achava a política brasileira no Rio da Prata.

Os *colorados* foram reconhecidos beligerantes e solenemente declarados aliados do Império, em sanção ao acordo secreto de Santa Lúcia, ficando assim definida a atitude do Brasil em face do direito das gentes.

Oficialmente todas as simpatias se voltaram para nós, mas os *sentimentos individuais* dos agentes europeus continuaram ligados ao governo *blanco*, que *aliás* sabia explorá-los com rara habilidade e maestria admirável.

Através das dificuldades inerentes à falta de *mobilização* do resumido número de navios da esquadilha que o governo confiara ao Barão de Tamandaré o bloqueio dos portos uruguaios ia sendo pouco a pouco estabelecido, mas sem o rigor exigido por esses atos de força.

A impertinência dos comandantes das estações navais europeias se manifestava a cada passo, agravando a situação e dificultando o objetivo dos brasileiros: ora perturbando a regularidade do bloqueio sob pretexto de que a operação não era feita com a entrada e saída de barcos mercantes, como deferência à bandeira amiga a que pertenciam.

Assim, para o Brasil exercer um direito soberano – qual o de exigir do partido político que dominava a República o cumprimento de solenes tratados, e aplicação dos mais mezinhos princípios de justiça para os seus nacionais ali domiciliados, sem levar guerra formal a toda nação uruguaia, cuja maioria a nós se acha vinculada pelos estreitos laços de família e amizade, – tinham os seus representantes de proceder com extrema prudência para evitar conflitos com os parcialismos neutros, que por todos os modos procuravam embaraçar a nossa atitude, esquecendo com manifesta injustiça o princípio nobre e elevado que guiava a política brasileira no Rio da Prata – princípio que se podia resumir nos moldes da magnanimidade e moderação: exigir da facção exaltada que governa o país, garantia para a vida honra e prosperidade de 40.000 brasileiros residentes no território oriental.

Entretanto, os acontecimentos se precipitaram após o conflito da corveta *Jequitinhonha*, com o transporte uruguaio *Villa del Salto*: a revolução progredia triunfante e os *blancos* perdiam terreno.

Cerro Largo caí dominado por um fraco destacamento brasileiro; a Flórida, ponto estratégico importante da campanha oriental, rendia-se com armas e bagagem ao valente caudilho *colorado* que pouco a pouco ia dominando o interior da República e circunscrevendo o poder de seus antagonistas às três praças fortes de Salto, Paissandu e Montevideú, contra as quais marchava, atacando-as da periferia para o centro, com o auxílio das armas do Brasil.

À medida que o governo *blanco* perdia terreno na luta que imprudentemente provocara contra o partido aliado do Brasil, crescia surdamente animosidade entre a oficialidade de nossa esquadrilha e a dos navios de guerra europeus.

Somente os oficiais ingleses faziam exceção nessa regra: mantendo verdadeira neutralidade ante aquele conflito sem precedentes nos anais militares. E apesar do rompimento das relações diplomáticas entre as duas potências, em consequência da Questão Christie, eles cultivavam essa solidariedade ou espírito de classe que, num laço de mútua simpatia, liga todos os marinheiros do mundo.

Um acontecimento inesperado veio realçar a correção da oficialidade inglesa e demonstrar claramente a parcialidade e pouco critério dos italianos, franceses e espanhóis.

– O general D. Venancio Flores, chefe do exército *colorado*, depois de tomar a Vila do Salto, auxiliado por alguns dos nossos navios, cercou a cidade de Paissandu, enquanto esperava a divisão brasileira do general João Propício para assaltar esse forte baluarte dos *blancos*.

No intuito de socorrer a praça sitiada, antes da chegada das forças brasileiras, o governo de Montevideu enviou a marchas forçadas uma coluna de 2.500 homens às ordens do general Juan Saá (o *lança seca*) com o objetivo de bater o exército de Flores, que então se veria apertado pela coluna móvel de encontro à guarnição da praça.

Flores, sabendo da aproximação de Saá, resolveu contrabater o golpe e, de combinação com o vice-almirante Tamandaré, levantou o cerco e avançou rapidamente para o Rio Negro ao encontro dos *blancos*, enquanto Tamandaré, bloqueando o porto e hostilizando a cidade, impossibilitava a saída da guarnição, podendo assim serem batidas as duas forças separadas.

O coronel Leandro Gomez, comandante da praça de Paissandu, valente e exaltadíssimo *blanquillo*, resolveu festejar ostensivamente o levantamento do cerco, certo como estava de que Flores seria batido no Rio Negro, e a praça, socorrida antes da chegada de João Propício, sustentar-se-ia, repelindo qualquer ataque ao lado do rio.

Para o grande e suntuoso banquete com que pretendia solenizar o *começo da vitória*, Leandro Gomez convidou a oficialidade dos navios de guerra europeus surtos no porto. Incorporados, em grande uniforme,

compareceriam ao *festin de Baltazar* os representantes armados da França, Itália, Espanha e Inglaterra.

Leandro Gomez, rodeado de seu estado maior e autoridades civis, fazia as honras da recepção, ao som das músicas e das salvas de artilharia.

No vasto salão onde ia ter lugar o banquete, via-se nos lindos troféus que ladeavam a mesa as cores de todas as bandeiras do mundo; no chão, junto à entrada, *estendida com as honras do capacho*, o auriverde pavilhão do Brasil recebia supremo ultraje para que fora preparada toda aquela soberba encenação...

Ninguém hesitou pisar aquele emblema de uma nacionalidade amiga; franceses, italianos e espanhóis tripudiaram ali, limpando as botas naquele trapo que representava um Império: todos seguiram o exemplo do comandante da canhoneira francesa *Dicidié* eu primeiro entrou no salão.

A oficialidade inglesa, porém, estacou no vestíbulo!... E o comandante, dirigindo correta continência militar ao grupo de oficiais *blancos*, que recebia os convidados, retirou-se imediatamente com os seus comandados.

Debalde foi levantado o *capacho*; debalde o próprio Leandro Gomez, ente mil desculpas, quis deter os briosos oficiais da canhoneira *Dottorel*...

Às 6 horas da manhã do dia 5 de dezembro de 1864, a canhoneira *Parnaíba*, sob o comando interino do 1º tenente Francisco Antônio Vassimon, tomava posição em frente à cidade de Paissandu, fundeando entre as baterias de terra e a canhoneira *Dicidié*.

No dia seguinte ia começar o bombardeio contra a praça.

Momentos depois atacava à *Parnaíba* a canoa do comandante do vaso francês.

Vinha reclamar contra a *desatenciosa* posição em que fundeara o navio brasileiro, muito estranhando que se interpusesse ente o seu barco e a terra...

Vassimon, polidamente, respondeu que aquele lugar tinha sido designado pelo seu almirante – *de quem unicamente recebia ordens* – e que, sem ele lhe ordenar, não levantaria ferro para mudar de ancoradouro.

Então o comandante da *Dicidié*, tomando aspecto arrogante, disse: – *Pois bem, logo que começar o bombardeio, se algum estilhaço tocar o meu navio farei fogo sobre o Parnaíba. E desde já lhe advirto que toda minha gente é míope....*

– Pode fazê-lo a seu salvo, Sr. Comandante; nós aqui temos duas baterias: uma para terra e outra para responder-lhe. E posso garantir a V. S. que se há de dar por satisfeito com a nossa resposta, *porque toda minha gente enxerga perfeitamente...*

À essa resposta firme e resoluta, o capitão-tenente Mr. Olivier conheceu que se iludira bastante na opinião, em que tinha os nossos oficiais: bateu *amigavelmente* no ombro do tenente Vassimon e proferiu estas palavras:

“Comme vous y allez, mon petit commandant! C’est bien; nous restons bons amis. Mais je vous prie, ne dites pas rien du tout á l’almiral.”

E o atual vice-almirante da marinha francesa, Mr. Olivier foi acompanhado até o portaló da *Parnaíba* e o guardião apitava à voz

Cabos...»

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- Francisco Antônio Vassimon -

Os estudos biográficos de Montenegro também recaíram sobre o almirante Tamandaré, militar que serviu na marinha e participou de vários enfrentamentos bélicos da armada, desde a guerra da independência, passando pelas rebeliões provinciais e chegando às questões platinas. A origem do texto era uma carta enviada à redação do jornal rio-grandino *Diário do Rio Grande* que a publicou, como uma homenagem póstuma ao almirante, logo após a sua morte. Posteriormente foi publicado pela *Revista da Academia Cearense*³⁹ e pelo *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*⁴⁰ e, finalmente, no livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*⁴¹. Sob o título “O Marquês de Tamandaré”, todas as versões apresentavam poucas alterações entre si. Apesar da participação de Tamandaré nas tantas guerras nas quais o Brasil envolveu-se, inclusive a do Paraguai, Montenegro não seguiu a sua predileção com a narrativa predominante dos eventos bélico-militares. Ao realizar o elogio fúnebre, o escritor optou por abordar um microcosmo da ação do almirante, no caso sua atuação em salvamentos marítimos, ao passo que o fio condutor da descrição era o motivo da escolha do nome que lhe foi atribuído ao ingressar na nobreza imperial.

³⁹ MONTENEGRO, José Arthur. O Marquês de Tamandaré. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1897, t. 2, p. 181-188.

⁴⁰ MONTENEGRO, José Arthur. O Marquês de Tamandaré. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899*. Rio Grande: Livraria Americana, 1898. p. 83-90.

⁴¹ MONTENEGRO, 1900. p. 85-92.

«Curiosa e bem interessante a *origem* do título nobiliárquico do legendário marinho ontem falecido no Rio de Janeiro.

Fato pouco conhecido e, ao que parece, ignorado pela maioria dos que têm escrito sobre o glorioso almirante cuja biografia, cheia de lances heroicos, de atos de nobre valor e acendrado patriotismo, abrange a história da marinha militar do Brasil, desde a independência até hoje, merece ser lembrado para que os seus conterrâneos conheçam como o ilustre rio-grandense conquistou esse título que o colocava nas culminâncias da hierarquia nobiliárquica do passado regime, e, ainda mais, a *razão* porque o imperial nobilitante escolheu em Pernambuco e não no Rio Grande do Sul o local erigido em baronato para agraciar o eminente cidadão que, aos 13 anos de idade, aspirante ainda, mereceu de lorde Cochrane as memoráveis frases pronunciadas em presença de D. Pedro I – o fundador do Império:

– *Majestade, aquele senhor será o Nelson brasileiro.*

Acontecimentos bem distintos, aparentemente sem conexão, deram *causa e origem* à concessão desse título, o mais elevado que no segundo Império usou um oficial da nossa marinha de guerra.

*

* *

A 24 de agosto de 1848 saía do porto de Liverpool, em viagem de experiência, o vapor *D. Afonso*, sob o comando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa.

Levava a bordo, além de outras pessoas, a princesa D. Francisca, seu esposo, o Príncipe de Joinville, os duques de Aumale, o embaixador brasileiro junto à corte de Londres e o chefe de esquadra Greenfell.

Uma hora depois de penetrar no oceano, horroroso espetáculo se apresentou aos olhos atônitos dos passageiros do *D. Afonso*:

Alterosa galera, mareando a todo pano, ardia em chamas...

No convés da *Ocean Monarc* se distinguia grande número de pessoas correndo espavoridas de um para outro lado; a maior parte se refugiava no castelo de proa, no gurupês e até no pica-peixe.

A galera, com todo pano largo, demorava a sete milhas a barlavento (oeste) do navio brasileiro; pouco a pouco, porém, fora virando, até alcançar a bolina: pondo a proa ao vento, fundeou.

Já ardia o velame do mastro grande e da gata e as chamas que subiam ao céu envoltas em espesso e negro fumo, alastravam a coberta, envolvendo o aparelho e massame que, desprendendo-se das alturas com hórrido fragor, levantavam nuvens de fagulhas do braseiro, ou grandes colunas de água nos flancos do navio.

Medonho espetáculo!

A situação daquela desgraçada gente era desesperadora: alguns momentos mais e o fogo destruiria os últimos pontos de refúgio onde tantos infelizes esperavam a mais tremenda das catástrofes.

Salve-os, por Deus, comandante. Salve-os!... exclamava sem cessar a princesa de Joinville.

E o comandante brasileiro, sem se arrecear do perigo que corria o seu navio, cujos paióis estavam

atestados de pólvora e explosivos de todo o gênero, navegou a todo vapor para o lugar do horrível sinistro.

Quatro escaleres caíram ao mar. Do primeiro partiu um marinheiro levando preso à cintura o merlim de forte espia; nadou corajosamente, com força hercúlea, por entre imensa quantidade de mastaréis, cabos, velas e milhares de destroços que flutuavam enredados em volta do barco incendiado e, dando volta à espia nas amarras do *Ocean Monarc*, estabeleceu o salvador cabo de *vaivém*.

Cento e sessenta pessoas foram salvas pelos escaleres brasileiros, cujas guarnições, lutando com o vagalhão que lhes batia os flancos, dificilmente puderam conter a sofreguidão de tantos desgraçados que, à uma, queriam abandonar aquele imenso braseiro perdido na solidão do oceano.

Dois dias depois, formada a guarnição do *D. Afonso*, o comandante Marques Lisboa ordenava a leitura de um ofício do embaixador brasileiro, comunicando que o duque de Aumale enviava 100 libras esterlinas para “os bravos marinheiros que tão relevante serviço haviam prestado à humanidade...”.

É quando o chefe daquele punhado de valentes recordava a situação dos infelizes náufragos, que se viam abandonados, sem recursos, órfãos, a maior parte mendigando a caridade pública, um marinheiro adiantou-se e disse:

Senhor comandante, nós cedemos o dinheiro aos náufragos da galera...

Sim, cedemos, cedemos, respondeu em coro a marujada.

E assim, os marinheiros do Brasil *cederam* às vítimas do *Monarca do Oceano* o ouro com que a

liberalidade do Príncipe quis gratificar tão nobre dedicação e coragem demonstrada na horrível catástrofe da galera inglesa.

Ao comandante do *D. Afonso* ofereceu S. M. Britânica riquíssimo cronômetro de ouro, cravejado de custosos brilhantes, com esta inscrição:

Presented
By the
British Government
to
Captain Joaquim Marques Lisboa
of the steam frigate
AFONSO
of the Brazilian Imperial Navy
in Testimony of Their Admiration
Of The Gallatry And Humanity
Displayed By Him
In Rescuing Many British Subjects
From The Burning Wreck
Of The Ship
Ocean Monarch
August,
1848.

*

* *

No dia 6 de março de 1850, o posto semafórico do Morro do Castelo assinalava um navio em grande perigo fora da barra do Rio de Janeiro.

Era a nau portuguesa *Vasco da Gama* que, colhida na véspera por medonha tempestade, fundeara a poucas milhas do farol da Raza, totalmente desarvorada, batida ainda por alterosos vagalhões do sudoeste.

O vapor *D. Afonso*, ainda sob o comando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa, suspendeu do *poço* em socorro da galera portuguesa, às 11 horas da manhã.

Ao meio dia fazia a primeira tentativa para passar o virador, mas o escalor que se arreou mal, se desprende das talhas e foi emborcado por um vagalhão, salvando-se a custo os tripulantes.

Amainando um pouco o vento, Marques Lisboa tentou audaz manobra para passar o cabo de reboque ao vaso português – única, aliás, naquela situação que podia dar bom resultado, mas revestida de imenso perigo de abalroamento e conseguinte perda dos dois navios em vista da imensa agitação do mar.

Fazendo ala e larga para se colocar pelo través da *Vasco da Gama*, que proava ao vento, o *D. Afonso* avançou resolutamente a toda força, e pouco depois, moderando a marcha, se prolongava borda a borda, tão de perto quanto permitiam as guinadas do navio: – possante marinheiro, do castelo, atirou o chicote de merlim com tanta felicidade que momentos depois o virador era colhido, ao som da *lupa*, pelos tripulantes da nau portuguesa.

A perigosa manobra fora coroada do mais feliz êxito.

Eram 4 horas da tarde; às 6, imensa multidão de curiosos apinhada no cais, ao longo do litoral, assistia entusiasmada, comovida, à entrada da alterosa nau rebocada pelo *chipper* D. Afonso. (...)

*
* *

A 21 de novembro de 1859 dava fundo no porto de Tamandaré a divisão naval do chefe de esquadra Joaquim Marques Lisboa, composta da fragata *Amazonas*, corveta *Paraense* e canhoneira *Belmonte*, que comboiava o paquete *Apa*, a cujo bordo iam SS. MM. Imperiais em viagem de recreio pelas províncias do norte do Império.

Desembarcando o Sr. D. Pedro II, examinou detidamente a grande fortificação em cujas arruinadas muralhas ainda se viam vestígios da época gloriosa e memorável do domínio holandês no Brasil.

Relembrando alguns feitos da épica luta de sessenta anos, ocorridos nesse histórico local, referiu Marques Lisboa ao Imperador que na defesa dessas ameias perdera um irmão, o major Marques Lisboa, cujos restos mortais ainda jaziam no pequeno cemitério da vila e que, aproveitando tão propício momento, pedia licença para transportar em seu navio para o jazigo da família, no Rio de Janeiro, aquelas cinzas tão caras ao seu coração.

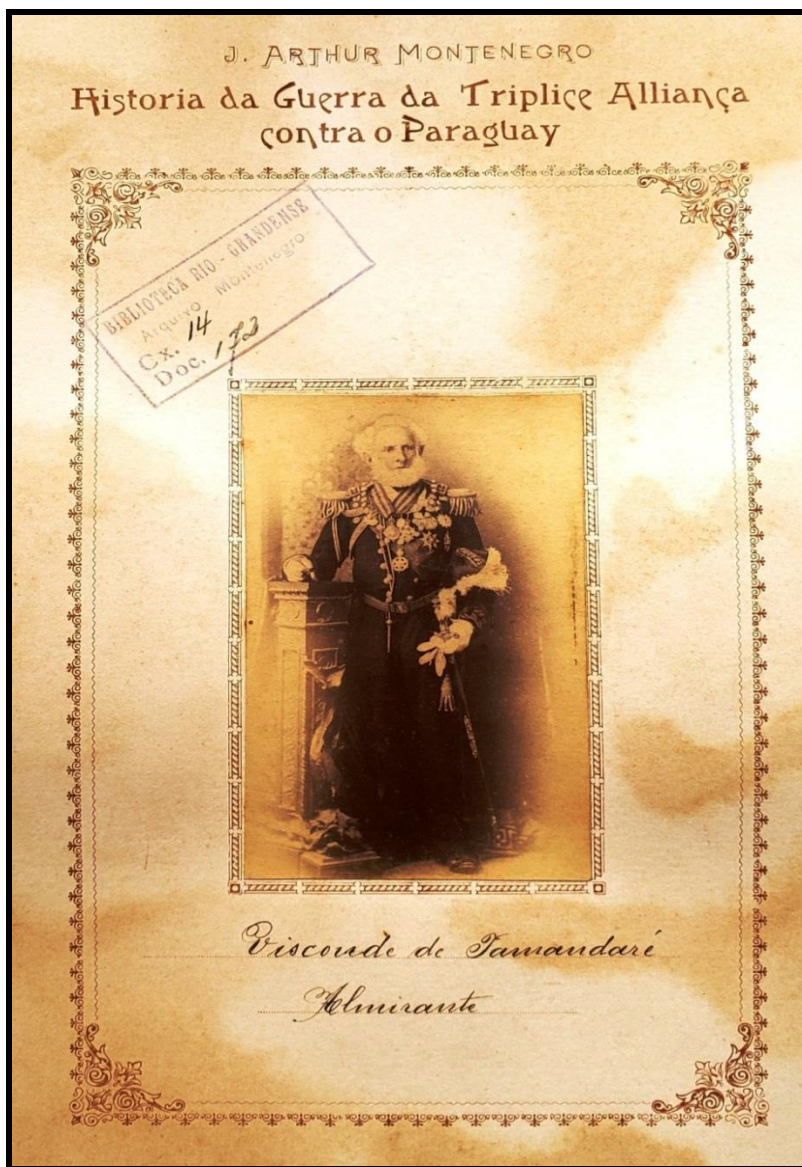
D. Pedro, sempre grande, sempre propenso às nobres e generosas ações, sensibilizado por aquela manifestação de fraternal amizade, não só acedeu ao desejo do almirante, como assistiu à exumação dos ossos e o acompanhou até a bordo do *Apa*, onde arvorava a sua imperial insígnia. (...)

*
* *

De regresso ao Rio de Janeiro, na primeira reunião do ministério, D. Pedro II lembrou ao conselheiro Ângelo Muniz da Silva Ferraz a concessão de um título ao chefe de esquadra Marques Lisboa, justificando-o não só com os serviços prestados, desde a sua primeira praça, como os desta viagem, lembrando os casos do *Ocean Monarch* e *Vasco da Gama*, pelos quais merecera significativas manifestações de apreço dos governos da Grã-Bretanha e Portugal.

Francisco Xavier Barreto, ministro da marinha, aventou então a ideia de agraciá-lo com um baronato no Rio Grande do Sul, de onde era filho, mas D. Pedro, ainda impressionado pelo episódio do major *Pitanga*, mandou lavrar o decreto concedendo-lhe o título de *Barão de Tamandaré*, em homenagem, dizia, à memória do irmão, veterano da independência, morto nas ameias do velho forte pernambucano.

Eis por que série de circunstâncias Joaquim Marques Lisboa, o *Nelson brasileiro*, teve um título monárquico de *origem verdadeiramente republicana.*»



- almirante Tamandaré -

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- retrato do Marquês de Tamandaré que acompanhava o artigo homônimo publicado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* -

O escritor e pesquisador José Arthur Montenegro se mesclava com o colecionador, revelando que seu interesse acerca da Guerra do Paraguai ia além dos registros textuais e fotográficos, uma vez que chegava a buscar reunir peças que fizeram parte do confronto bélico. Foi o caso do episódio narrado em “Uma bala histórica”, publicado inicialmente na revista argentina *Album de la Guerra del Paraguay*⁴², para depois ser inserido no livro *Fragments históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*⁴³. O personagem ressaltado era o Barão do Triunfo, título do militar gaúcho José Joaquim de Andrade Neves (1807-1869), que participou da Revolução Farroupilha – ao lado dos legalistas –, da Guerra contra Oribe e Rosas e, na Guerra da Tríplice Aliança, das campanhas do Uruguai e do Paraguai. Esse general pereceu nos confrontos do Paraguai, já na fase final do enfrentamento bélico, e Montenegro dissertava sobre o projétil que levou à morte daquele que denominava de “legendário” combatente e “bravo dos bravos”, refletindo ao longo do texto sobre o esforço de guerra dos paraguaios e o papel de mais um dos “mártires heroicos” brasileiros.

«Existe em meu poder o projétil que matou o legendário Barão do Triunfo, o Murat da cavalaria brasileira.

E, como esse pedaço de minério fundido ao acaso privasse ao Brasil uma das suas mais fulgurantes glórias,

⁴² MONTENEGRO, José Arthur. Una bala historica. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 246-248.

⁴³ MONTENEGRO, 1900. p. 93-98.

fazendo cair na eternidade o *bravo dos bravos*, merece que detalhadamente se recorde sua triste história.

Dolorosos pensamentos acodem ao espírito, despertando amargas reflexões sobre a precária contingência das coisas humanas, quando, no silêncio do meu gabinete, contemplo essa mínima porção de ferro de que se serviu o destino para cortar a existência daquela personalidade gigante, acostumada à ígnea atmosfera das batalhas, cujo nome, coroado com a auréola do valor indômito dos heróis, fazia tremer as massas inimigas, que combatia sempre vencedor.

Às 3 da madrugada de 21 de dezembro de 1868, Andrade Neves à frente de sua divisão penetrava no Potreiro Marmoré, para envolver ao inimigo, fortificado nas célebres Lomas Valentinas.

O ataque iniciado em toda a linha, às 6 da manhã havia-se feito tremendo, combatendo-se com furor. O inimigo, demonstrando extraordinária bravura, defendia palmo a palmo seus últimos entrincheiramentos: a mortandade era espantosa e o sangue escorria a torrentes.

As granadas fendiam os ares em todas direções e o estrépito contínuo da fuzilaria demonstrava a energia daquela luta bem poucas vezes igualada.

Às 6 da tarde, a coluna da esquerda, às ordens de Jacinto Machado de Bitencourt tomava de assalto a primeira linha de entrincheiramentos inimigos, mantendo-se na posição conquistada, a despeito dos desesperados esforços empregados pelos paraguaios para reconquistá-la.

Às 6 ½, Andrade Neves caía gravemente ferido. Uma bala inimiga, quebrando-lhe o peito do pé, ficou alojada nos ossos posteriores do pé direito. Despedaçado quase esse membro, a ferida parecia haver sido produzida pelo choque de uma bala de canhão e os médicos, reconhecendo a suma gravidade de semelhante ferimento em um corpo debilitado por uma febre contínua, não quiseram sujeitá-lo a um exame por demais doloroso, nem abreviar essa existência preciosa com uma amputação de resultados problemáticos.

Transportado ao antigo palácio do marechal Lopez, em Assunção, ali faleceu na manhã de 9 de janeiro de 1869.

Quando em 1873 o corpo do ilustre rio-grandense foi transportado ao Brasil, produziu-se em Porto Alegre o seguinte episódio, que veio a demonstrar a verdadeira causa de sua morte, geralmente admitida como consequência de uma febre perniciosa.

Com motivo de transladar-se a uma urna os restos mortais do Barão do Triunfo, se desprendeu dos ossos do pé o projétil que hoje possuo, deixando-se ver claramente o lugar onde estivera até então alojado, vindo a ser recolhido pelo tenente coronel Miguel Pereira de Oliveira Meireles, genro do finado. Naquele mesmo dia, esse cavalheiro, visitando o meu amigo, o Sr. Victor Rist, disse ao colocar o projétil sobre uma mesa:

– Eis aqui o que verdadeiramente causou a morte de Andrade Neves. o volume relativamente considerável do projétil, *que é de ferro fundido* e cujo diâmetro mede dezessete milímetros, com 77 gramas de peso, justifica o erro dos médicos em crer que o esmagamento do pé fosse consequência do choque de uma bala de canhão de calibre reduzido.

E a verdade, quem podia então admitir que um projétil de carabina, geralmente de chumbo, pudesse produzir semelhante fratura, e ainda mais que tivesse força de penetração bastante para atravessar os ossos anteriores da parte posterior do pé?

Hoje temos a explicação do fato pela qualidade do metal empregado na fabricação do projétil.

Com efeito, se haviam feito sumamente escassos no Paraguai todos os artigos de procedência estrangeira, por causa do bloqueio estabelecido pelos aliados. O marechal Lopez, com a assombrosa energia que lhe caracterizou nessa luta titânica, lançou mão de elementos extraordinários de seu próprio país, e com os recursos de seu gênio inventivo pode suprir o que não existia, prolongando a luta até encontrar a morte em seu último entrincheiramento, lá nos confins de seu país.

Os metais haviam quase desaparecido e até os sinos das igrejas desceram das torres para ser fundidos nos fornos dos arsenais. E este fato, que passaria despercebido em qualquer outra parte, assumia especial gravidade no Paraguai, de onde o espírito do povo, evidentemente religioso e profundamente ignorante era capaz de todos os excessos pela conservação das antigas tradições jesuíticas, e da ideia da situação desesperada em que se viu aquela nação heroica, e ao mesmo tempo da terrível opressão da ditadura de Lopez, que com sua indomável energia, conseguiu abafar todas as resistências e vencer todos os obstáculos realizando impossíveis.

O chumbo faltou de todo, porém ainda havia ferro e os arsenais fundiram com esse metal os milhões de projéteis de carabina com que se prolongou a luta.

Esta circunstância explica também o fato da especial gravidade de que se revestiam as feridas produzidas por armas de fogo no último período da guerra.

Os pesados projéteis de ferro fundido deviam prejudicar o alcance do tiro e destruir pelo atrito as estrias dos fuzis, porém, é evidente que cada ferida produzida por semelhante corpo causava uma morte segura.

A escassez de artigos de procedência estrangeira deu motivo para o desenvolvimento do gênio inventivo dos paraguaios, que, como dissemos, supriam-na tirando partido de tudo.

O papel se fez tão escasso, que os arquivos da República foram despojados de *todas as meias folhas em branco*, separadas para o serviço da secretaria do marechal Lopez.

Se escolheram em todo o exército os sargentos e oficiais subalternos que tinham a *letra mais miúda*, e esta qualidade se fez um título de recomendação para aquele que a possuía!

Meu particular amigo, o general Cunha Júnior possui um curioso documento que vem a comprovar o estado desesperado a que chegou aquele país com a falta das manufaturas estrangeiras.

É um mapa de fortificações de Curupaiti, grosseiramente desenhado sobre papel de cigarros, cujas folhas haviam sido cuidadosamente coladas umas com as outras até alcançar o tamanho de um metro e vinte por oitenta centímetros!

O desenho é grosseiro, porém perfeitamente exato em seus detalhes, e representa o espaço compreendido entre a casa de Lopez (*mayoria*) e Passo Pucú, até as trincheiras de Curupaiti sobre o Rio Paraguai.

Os canhões de grosso calibre estão figurados com lápis vermelho e as peças de campanha, assim como as foguetearas com tinta preta. Os bosques, as linhas de abatisses, etc. estão figurados com lápis azul. As diversas legendas explicativas estão escritas à mão, porém a tinta está bastante desvanecida pela ação do tempo.

Este curioso documento foi encontrado no bolso de um oficial paraguaio, provavelmente do estado-maior de Lopez, morto na tomada de Sauce, em 21 de março de 1868.»

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



- José Joaquim de Andrade Neves -

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- Gravura estampando troféus conquistados pelo exército oriental e devolvidos em 1884 ao governo do Paraguai, que acompanhava o artigo “Uma bala histórica” publicado no *Album de la Guerra del Paraguay* -

Outro militar brasileiro biografo por Arthur Montenegro foi Floriano Peixoto que, quase cinco lustros depois da Guerra do Paraguai, viria a tornar-se presidente da República. O artigo original foi publicado no periódico argentino *Album de la Guerra del Paraguay*⁴⁴, vindo a ser reformulado, revisado e ampliado no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*⁴⁵. Alagoano de nascimento, o personagem em pauta mudou-se para o Rio de Janeiro, onde cursou a Escola Militar. Em relação à Guerra da Tríplice Aliança, foi comandante do 1.º Batalhão de Voluntários da Pátria, bem como teve ação ativa nos combates de Tuiuti, Itororó, Lomas Valentinas e Angostura. Demarcando sua postura antirrevolucionária, Montenegro apontava o denominado “marechal de ferro” ou “consolidador da República”, como o “vencedor da anarquia”, ou seja, como aquele que triunfara sobre a Revolta da Armada. Especificamente quanto ao conflito no Paraguai, o autor se referia a tal personalidade militar como aquela que ligou “seu nome a quase todos os sucessos da grande guerra”, descrevendo sua vida desde a formação militar, passando pelo enfrentamento bélico internacional e a sua chegada à presidência do Brasil.

⁴⁴ MONTENEGRO, José Arthur. El mariscal Floriano V. Peixoto. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 248-252.

⁴⁵ MONTENEGRO, José Arthur. Floriano Vieira Peixoto. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Livraria Americana, 1897. p. 203-210.

«Dia a dia vai desaparecendo no crepúsculo vespertino da eternidade essa falange de heróis que nas margens do Prata, nos confins dos desertos paraguaios, escreveu página por página a epopeia gigante que passará à posteridade como marco miliário da redenção de um povo escravizado pelas admiráveis instituições dos filhos de Loyola. E esse povo, sacrificado por uma vontade de ferro, dominado pela tirania autocrática hereditária dos Francias e Lopez, resistiu com indomável energia, com inquebrantável heroísmo, com valor sobre-humano, ao embate das baionetas da Tríplice Aliança.

Entre obreiros da civilização americana, entre os esforçados paladinos da epopeia paraguaia desaparecidos no ocaso da vida, destaca-se o perfil histórico de Floriano Peixoto, hoje aureolado pela fulgente coroa de vencedor da anarquia, ligando seu nome a quase todos os sucessos da grande guerra.

*
* *

Na pitoresca vila de Pioca, estado das Alagoas, nasceu a 30 de abril de 1839 o eminente cidadão que se chamou Floriano Vieira Peixoto.

Revelando desde a juventude rara inteligência e decidida vocação pelas ciências exatas, seu pai, o agricultor Manoel Vieira de Araújo Peixoto, cheio de esperança, enviou-o ao Rio de Janeiro para o colégio S. Pedro de Alcântara, dirigido então pelo célebre cientista padre José Mendes de Paiva.

Sua permanência nesse estabelecimento, que preparou a mentalidade de tantos homens eminentes, foi

uma série de triunfos, um florão de glória acadêmica, para o futuro consolidador das instituições democráticas de nossa pátria. Terminado o curso preparatório, saiu dos bancos da escola para consagrar-se ao serviço do país, alistando-se voluntariamente nas fileiras do 1º batalhão de artilharia a pé, no dia 1º de maio de 1857.

Iniciou sua gloriosa carreira pelos postos mais baixos, escudado apenas no mérito pessoal toda a escala da hierarquia militar. (...)

*
* *

O grito de guerra soou lugubrememente do Prata ao Amazonas. A tempestade, há muito anunciada pelos pesados vapores que ensombravam o horizonte, desencadeou-se em medonho fragor.

O Brasil não tinha exército.

Ao povo, à massa de paisanos, cumpria abandonar o arado, a bigorna e opor-se à avalanche paraguaia, que súbito, a falsa fé, invadia pelos extremos o solo pátrio.

Para enfrentar o leão paraguaio, que ameaçava avassalar toda a América do Sul, cumpria ao pequeno número de soldados que o Brasil mantinha em armas resistir, enquanto se armavam essas legiões de espartanos que se chamaram *Voluntários da Pátria*, arrancados de todos os ângulos do país pela inspiração e pelo exemplo doI.

O Rio Grande do Sul, como Mato Grosso, assistia indefeso à invasão de seu território; seus filhos lá estavam diante dos muros de Montevidéu, combatendo

outros inimigos, *sem poder voar da margem do Uruguai para opor o peito às baionetas guaranis.*

Desesperada a situação, tremendo o momento histórico em que a nacionalidade inteira estremecia ante o ultraje sem nome do sanhudo e apercebido adversário.

O 1º Batalhão de Voluntários da Pátria desembarca na cidade do Rio Grande às ordens do coronel João Manoel Menna Barreto e a marchas forçadas avança para S. Borja, onde chega a tempo de salvar a população no memorável 10 de junho de 1865, em que 800 brasileiros, paisanos armados de véspera, bateram-se 12 horas, detendo a marcha devastadora dos 10.000 paraguaios de Estigarribia.

Floriano Peixoto, comissionado no posto de capitão, formava nas fileiras desses bravos que lavraram o primeiro protesto à invasão, que trocaram os primeiros tiros com esses vândalos, cuja marcha assoladora até Uruguaiana foi assinalada por um rastro de sangue, pela devastação e pelo incêndio.

Coube a Floriano Peixoto guiar a primeira grande divisão do 1º de voluntários (...).

Nessa *Campanha dos cem dias*, Floriano Peixoto mostrou-se na altura de envergar as dragonas de oficial superior, revelando qualidades militares dignas da ilimitada confiança que mereceu de todos os chefes do exército com quem serviu: e o seu rápido ascenso ao generalato deveu ele mais tarde ao tino com que o Imperador D. Pedro sabia escolher os homens e às recordações que guardava da campanha do Rio Grande. (...)

*
* *

Finda a guerra, foi promovido a tenente-coronel para o estado-maior de artilharia, em atenção aos seus bons serviços militares, desempenhando em seguida o cargo de quartel-mestre general do exército de ocupação no Paraguai.

Regressou para o Rio de Janeiro a 1º de setembro de 1870.

Era condecorado em todas as ordens honoríficas do império e de seu peito pendiam as medalhas de bravura, mérito militar e comemorativa das campanhas de Mato Grosso, Uruguai, Argentina, Paraguai e da rendição de Uruguiana.

Posteriormente comandou as armas em Mato Grosso, inspecionando as suas fortificações e obras militares. Em 1871 foi escolhido para membro da comissão de melhoramentos do material de guerra. Em 1872 bacharelou-se em ciências físicas e matemáticas.

Sua carreira na hierarquia militar foi rápida naqueles tempos em que as promoções eram difíceis, morosas e em que quase todos os oficiais contavam decênios em cada posto. Coronel por merecimento em 1874, em 1883 via sobre seus ombros as dragonas de general de brigada, sendo a 10 de julho de 1889 promovido a marechal de campo.

Em 1878, exerceu o cargo de diretor do arsenal de guerra de Pernambuco; em 1881 inspecionou os depósitos de artigos bélicos das Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe e Paraíba e os corpos de guarnição de Pernambuco.

Comandou as armas de Mato Grosso, Alagoas e Pernambuco (1883-1885).

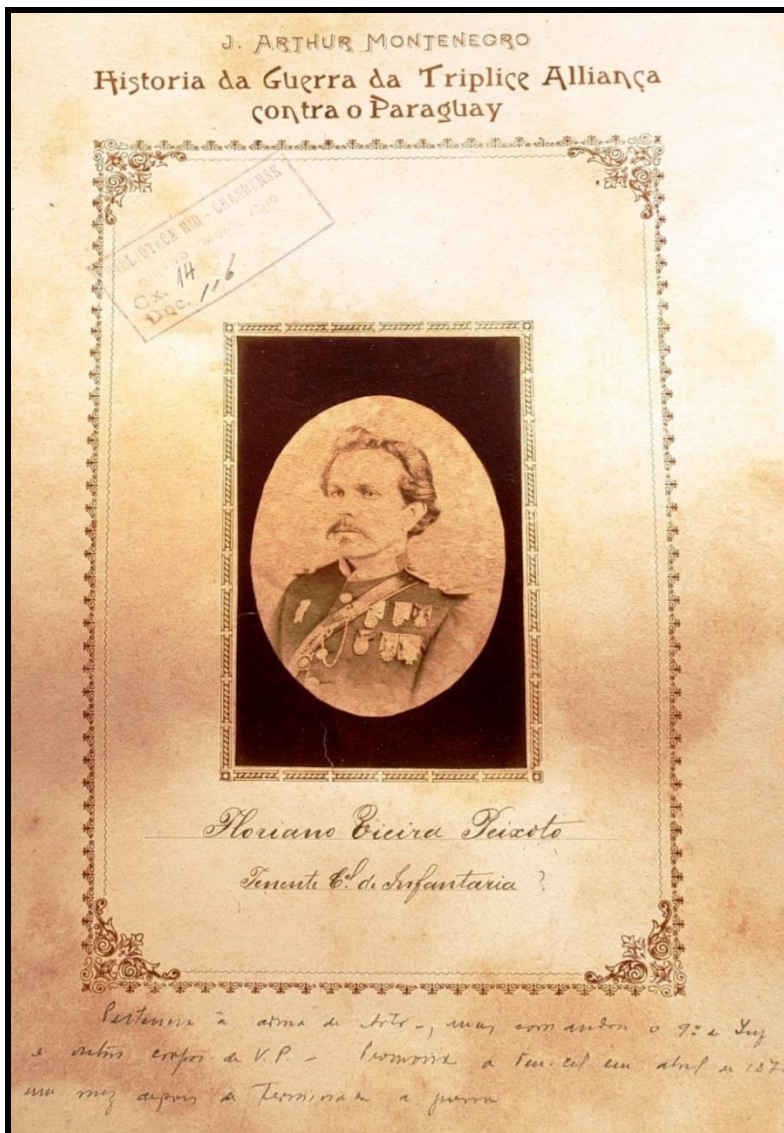
Em 8 de junho de 1889 foi nomeado ajudante general do exército e nesse alto cargo o encontrou o movimento democrático de 15 de novembro de 1889, que transformou as instituições políticas do país.

*
* *

Washington, libertando sua pátria do domínio britânico, mereceu de Napoleão o título de *homem sem mácula*.

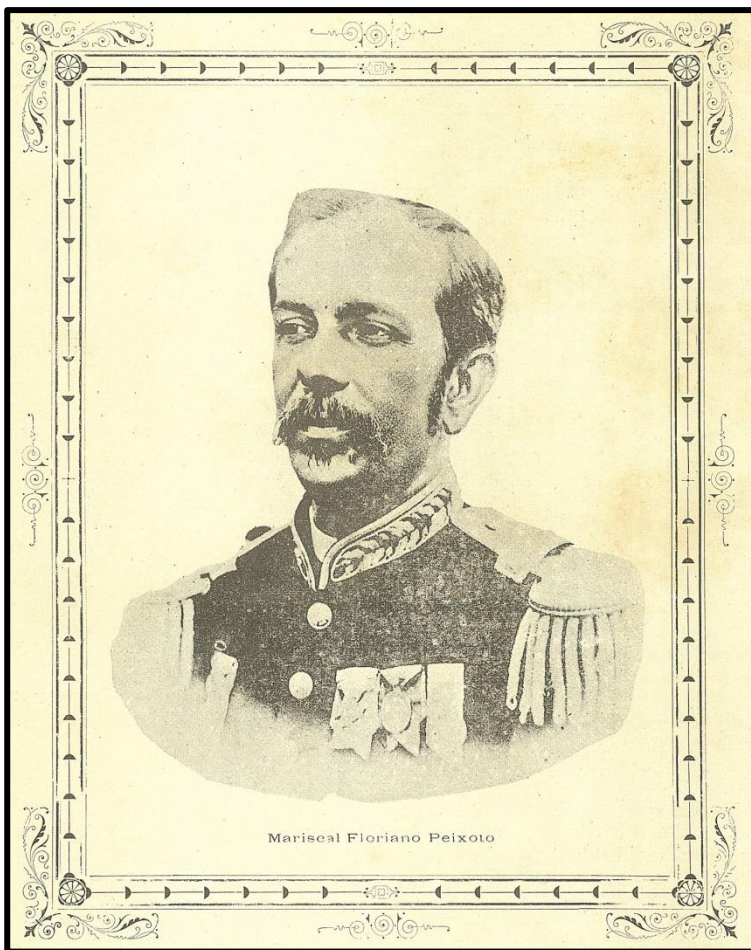
Floriano Peixoto, agindo em outro meio, em época de desorganização social, de anarquia interna, de conturbações políticas, passará à posteridade como o *homem sem medo*, que teve a providencial missão de firmar o princípio da autoridade, profundamente abalados pelos repetidos pronunciamentos militares.

A história e a posteridade lhe farão justiça.»

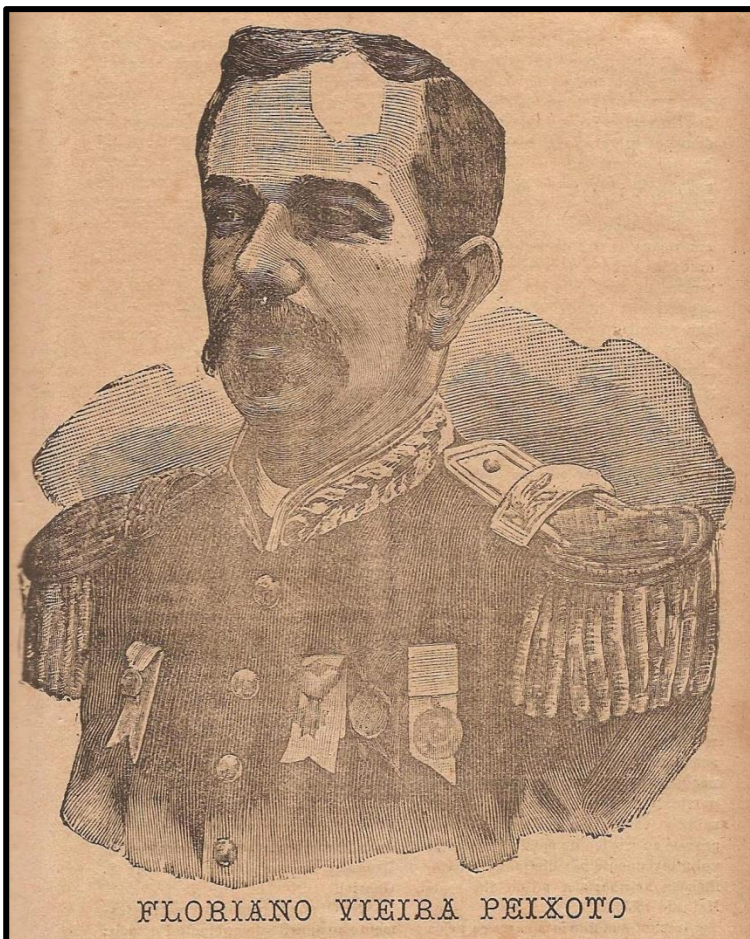


- Floriano Vieira Peixoto -

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- retrato de Floriano Vieira Peixoto, que acompanhava o
artigo "El mariscal Floriano V. Peixoto" publicado no *Album
de la Guerra del Paraguay* -



- retrato de Floriano Vieira Peixoto, que acompanhava o
artigo homônimo publicado *Almanaque Literário e
Estatístico do Rio Grande do Sul* -

O marechal Vitorino José Carneiro Monteiro, Barão de São Borja, foi outro personagem biografo por Arthur Montenegro. Tal militar teve significativa

participação no controle de focos revolucionários em sua província natal, Pernambuco, bem como destaque nas forças legalistas que combateram os rebeldes farroupilhas no Rio Grande do Sul. Ainda no Brasil meridional, Monteiro atuou na guarnição das fronteiras e nas guerras que o Império enfrentou na região platina. O texto biográfico sobre esse personagem intitulou-se “El mariscal Victorino José Monteiro, Baron de San Borja” e foi publicado na revista argentina *Album de la Guerra del Paraguay*⁴⁶. No texto, Montenegro biografou o personagem desde o início de sua carreira militar, com especial atenção para com a época em que ele atuou na Guerra da Tríplice Aliança, notadamente nas campanhas do Uruguai e do Paraguai, ampliando a abordagem biográfica em relação ao período pós-guerra, chegando até a morte do militar, reconhecido como um dos integrantes da “falange de heróis” que defenderam a bandeira imperial, o qual deveria ser lembrado como “símbolo de honra, de lealdade e de civismo”.

«Dia a dia vai desaparecendo essa falange de heróis que, nas margens do Prata e nos confins dos desertos paraguaios, escreveu página por página a epopeia gigante que passará à história, como marco miliário da redenção de um povo subjugado pelas admiráveis instituições dos filhos de Loyola.

⁴⁶ MONTENEGRO, José Arthur. El mariscal Victorino Jose Monteiro – baron de San Borja. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 41, p. 266-268.

Esse povo sacrificado por uma vontade de ferro, dominado pela tirania autocrática de um governo pessoal, resistiu com indomável energia, com inquebrantável heroísmo ao embate da civilização levada pelas baionetas da Aliança, a qual, cumprindo altos desígnios da providência, serviu de instrumento à evolução social que mudou a face do mundo auxiliada pelas próprias paixões e vícios da humanidade.

Entre esses obreiros da civilização americana desaparecidos no ocaso da vida se encontra o perfil histórico de Vitorino Monteiro, ligado aos principais sucessos da *grande guerra*.

O marechal de campo, Vitorino J. Monteiro, filho do major João Francisco Monteiro, nasceu em Pernambuco a 23 de setembro de 1816. Muito cedo cingiu seu corpo a casaca militar. Convulsionada sua província natal, abandonou os bancos da academia em 1832 para alistar-se nas fileiras da legalidade que se organizavam para bater os rebeldes entrincheirados na vila Panelas de Miranda, nos limites da província de Alagoas, sendo gravemente ferido em um encontro que manteve nas imediações de Jacuípe.(...)

Para a organização do exército destinado a apoiar as reclamações diplomáticas do conselheiro José Antônio Saraiva, quanto ao governo oriental (Prudencio Berro y Aguirre), chegou com seu regimento ao Piraí Grande, em julho de 1864, sendo este o primeiro corpo que ocupou o acampamento. Organizado o exército sob o comando do general Barão de São Gabriel, assumiu o da 1ª brigada de cavalaria e a vanguarda que invadiu a fronteira Uruguai, a 1º de dezembro, marchando sobre Paissandu, a cujo assalto e ocupação assistiu mandando a força da cavalaria brasileira que atacou por N. E. da

praça, em combinação com as tropas orientais do general Venancio Flores.

Marchou com o exército brasileiro-oriental sobre a praça de Montevideú, assistindo ao sítio dessa cidade até 20 de fevereiro de 1865, no qual se firmou a paz com os membros do partido blanco.

No comando da 2ª brigada, marchou ao campo de manobras de Concordia (Entre Rios) de onde se organizou aquele exército de cidadãos cujas glórias recordará sempre com orgulho a América do Sul.

Quando o exército marchando em direção ao Paraguai, chegou à Mercedes: o general Osório designou ao coronel Vitorino Monteiro para ir à Restauración, com o objetivo de assumir o comando das forças de infantaria e cavalaria que, depois da capitulação de Uruguaiana tinham que se reunir ao 1º corpo do exército, o que se realizou em 8 de dezembro, merecendo por esta operação que o legendário Osório dirigira as seguintes frases: “satisfeito do modo ativo, zeloso e inteligente pelo qual o coronel Vitorino Monteiro tem desempenhado a comissão que lhe foi confiada de reunir e conduzir a este exército os diferentes contingentes de forças que, por ordem do ministério da guerra, deviam vir de Uruguaiana: reconheço e aplaudo tão importante serviço”.

Em 6 de junho de 1866 assumiu o comando da 6ª divisão de infantaria, à frente da qual tantos lauréis conquistou para a pátria e para a Aliança, inaugurando esta comissão com a “Passagem do Paraná” e o combate de 2 de maio, no “Estero Belaco”, de onde poucos momentos depois da súbita aparição do inimigo em meio da espantosa carnificina que se seguiu, coube-lhe a honra de entrar em linha e restabelecer o combate,

apoiando energicamente as forças de vanguarda. Em 22 de janeiro de 1866 foi promovido a general de brigada.

Em 20, encontrando-se com sua divisão no exército de vanguarda, sob as ordens do general Flores tomou parte no combate de Passo Cidra, chegando até Tuiuti frente das memoráveis linhas de Rojas.

Na grande batalha de 24 de maio lhe coube defender o centro apoiando ao 1º regimento de artilharia brasileira, que neste dia conquistou entre seus aliados o nome de *artilharia a revolver* e o general Flores que ali tinha o comando o abraçou ao final da batalha, prevendo os grandes destinos que lhe estavam reservados no decurso da luta.

Com sua aguerrida divisão tomou parte importante no sangrento combate do “Boqueron” ou “Sauce”, a 18 de julho, sendo gravemente ferido por um fragmento de bomba no assalto à trincheira inimiga, o que lhe valeu ser nomeado “*Oficial da Ordem do Cruzeiro*”, pelos serviços prestados naqueles momentos da guerra.

Se retirou para o Rio Grande do Sul a 30 de julho, com objetivo de curar, no seio de sua família, a gloriosa ferida recebida no Boqueron de Piris.

O general Osório, quando organizava na fronteira do Rio Grande o 3º corpo do exército, convidou-lhe a ajudar nessa organização, entregando-lhe o comando da 1ª divisão de cavalaria, à frente da qual passou o Paraná e se reuniu aos aliados em Tuiuti.

À frente da 5ª divisão de cavalaria combateu, em 21 de outubro, em Yataytá o flanco direito do grande quadrilátero paraguaio, onde a cavalaria paraguaia recebeu o último golpe, sendo por esse fato nomeado “*Grão dignitário da Ordem da Rosa*”.

Em 11 de novembro de 1868, foi promovido a marechal de campo e a 17 assumiu o comando do 1º corpo do exército, acampado em Tayi.

O clima insalubre do Paraguai minava o privilegiado organismo do herói pernambucano e, a 16 de agosto, abandonou Nembucó, retirando-se para o Brasil a fim de recuperar a saúde perdida.

Em 20 de fevereiro de 1869 foi-lhe conferida a medalha do mérito militar, em recompensa dos atos de valor realizados nessa campanha.

Restabelecido da febre palúdica que o atacara, regressou ao teatro da guerra, apresentando-se ao Príncipe Conde D'Eu, comandante em chefe dos exércitos aliados, em Pirayú, em julho de 1869, sendo designado para o cargo de chefe do estado maior do 1º corpo que iniciava a gloriosa *campanha da Cordilheira*.

Gravemente enfermo, o marechal Polidoro Jordan, coube ao marechal Vitorino o comando interino do 2º corpo, a 7 de agosto e a 19 de setembro, o Príncipe lhe dava o comando efetivo com a seguinte ordem do dia.

“A nomeação do Exmo. Sr. marechal Vitorino Monteiro para comandante efetivo do 2º corpo do exército ocorreu atendendo à distinção e energia com que S. Ex. tem guiado esse corpo do exército desde 7 de agosto, entre fadigas e privações, com notável proveito para a causa que defendemos”.

Coube-lhe a honra de atacar o centro dos entrincheiramentos que circundavam a praça de Peribebuy, tomada de assalto pelos aliados em 12 de agosto, cortando em seguida a retirada dos defensores da praça, que tratavam de escapar pelo caminho de Ñu-Guazú.

A batalha de Campo Grande, iniciada por sua vanguarda (divisão Corrêa da Câmara) confirmou neste soldado o foro de experiente capitão e, a 16 de agosto, caiu vinculado ao seu nome já enaltecido por outros feitos que o colocam na primeira linha entre os combatentes da grande guerra.

Em 18 do mesmo mês, o 2º corpo do exército se cobria de glória nos desfiladeiros de Caraguatay e o movimento executado pelo marechal Vitorino sobre o Rio Manduvirá-Yú, deu por resultado o incêndio dos últimos vapores da esquadra paraguaia, vingando assim ao ultraje de Corrientes e os massacres de Mato Grosso⁴⁷.

Destruídos os exércitos do marechal Lopez e urgindo aos aliados concluir a campanha com o aniquilamento dos restos dispersos desse poder militar que pretendeu avassalar a América do Sul, teve de modificar a organização das forças, de acordo com a nova fase da luta. Vitorino Monteiro teve o comando das forças que operavam ao norte do Rio Manduvirá.

O governo brasileiro, premiando tantos e tão assinados serviços lhe conferiu a comenda da *Ordem de São Benito de Avis*.

Terminada a longa e penosa luta nas margens do Aquidabã, com a morte do marechal Lopez, em 1º de março de 1870, mereceu Vitorino Monteiro os seguintes parágrafos da ordem do dia com que o Príncipe Conde D'Eu, se despediu do exército.

⁴⁷ O ultraje de Corrientes foi vingado quarenta dias após o fato, pelo general Paunero com a tomada de Corrientes, iniciando com uma divisão de exército argentino a série de vitórias dos exércitos aliados.

“... Sem embargo, se fosse lícito repartir com outros a glória que pertence aos vencedores de Cerro Corá, a maior parte após eles deveria corresponder ao marechal Vitorino Monteiro, comandante das forças ao norte do Manduvirá, cujo zelo pelo serviço e incansável previsão, puderam aquelas forças desempenhar a árdua tarefa, sem que nem um momento lhes faltasse o alimento nem os meios indispensáveis de mobilidade.”

Afastado o Príncipe, tomou o comando em chefe do exército por ordem do ministro da guerra, voltando em seguida ao Brasil, a fim de reparar sua saúde novamente alquebrada na última campanha.

Ao chegar ao Brasil, foi favorecido com o título de Barão de São Borja e, em seguida, nomeado comandante das armas em Pernambuco.

Em setembro de 1870 foi nomeado *Grão dignitário da Ordem do Cruzeiro* e agraciado com o foro de *Cavaleiro fidalgo da casa imperial*, distinção esta do mais elevado alcance social no regime monárquico, que então regia o país.

Morreu na cidade de Porto Alegre, a 27 de outubro de 1877, este ilustre cidadão que legou à posteridade um nome que seus contemporâneos recordarão sempre como símbolo de honra, de lealdade e de civismo.»

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



- Vitorino José Monteiro -

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- Vitorino José Monteiro -

Alfredo d'Escragnolle Taunay, que participou da Guerra do Paraguai e teve uma ativa vida literária, fazia parte da rede de relações de Montenegro, trocando com ele vasta correspondência. Por ocasião de sua morte, um esboço de sua biografia foi traçado por Arthur Montenegro, vindo a publicá-lo na *Revista da Academia Cearense*⁴⁸. O elogio fúnebre chamado “Visconde de Taunay” foi apresentado pelo autor como um “escorço biográfico” que não se resumiria aquele texto, tanto que, ao final, anunciava que haveria uma continuidade, a qual não chegou a se confirmar, mormente a partir da morte prematura do escritor.

«Mais um que cai ferido pelo dardo implacável da morte!

E essa geração que escreveu a epopeia gloriosa do Paraguai – este feito inimitável de constância e valor, abnegação e bravura, de lealdade e de heroísmo – vai desaparecendo do cenário da vida com incrível celeridade, deixando vácuo bem profundo, bem difícil de preencher.

Foi uma geração de espartanos, foi uma plêiade de homens esforçados, que o mundo dificilmente contempla no lento perpassar dos séculos.

As armas brasileiras não despem há muito o crepe que envolve as suas bandeiras. Quando o tempo parece amortecer a emoção causada pela queda de um herói, outro herói sucumbe, em meio da consternação do

⁴⁸ MONTENEGRO, José Arthur. Visconde de Taunay. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1899, t. 4, p. 123-134. – nos trechos transcritos foram suprimidas as notas de rodapé –.

povo – que assiste, angustiado, compungido, o lento e fúnebre desfilar para a eternidade dessas invencíveis legiões que burilam a mais brilhante página de sua história.

Cento e vinte veteranos restam apenas nas fileiras do exército permanente!

Bem poucos restam ainda dessa incomparável milícia que se chamou *Voluntários da Pátria* – quando a pátria estava em perigo!...

Triste, bem triste esse fúnebre desfilar para a eternidade!

Alfredo d'Escragnolle Taunay – filho do Barão Felix Emílio Taunay e de D. Gabriela d'Escragnolle Taunay – nasceu no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843 e faleceu em Petrópolis a 25 de janeiro de 1899.

Terá razão Píndaro quando afirma que: “*felizes são os que morrem moços, porque sempre serão lembrados?*”.

Tem razão o grande poeta, mas os gênios deviam viver muito, para guiar as gerações através dos estádios do progresso e da perfectibilidade humana, arrastando-as com essa centelha divina que é o apanágio do talento e o crisol do saber.

Taunay foi feliz, muito feliz, *jamais será esquecido*: – foi um meteoro que brilhou intenso em curta órbita e desapareceu para sempre na misteriosa escuridão da eternidade, deixando de sua esteira luminosa, através da vida, essa impressão profunda, indizível, que ofusca a retina quando passa célere o raio das tempestades. (...)

*
* *

Era, pois, um grupo notável de artistas célebres e de guerreiros afamados, o dos Escragnolles e dos Taunay.

E mais uma vez confirmam-se nessa família as teorias biológicas de Lamarck e Darwin, porque à semelhança dos Saussure, dos Bach e dos Bernoinville, Alfredo Taunay, por atavismo e hereditariedade, foi um guerreiro e um artista, digno de seus antepassados, cujas obras o atiram para cima das multidões, gravado como está o seu nome nesse monumento mais duradouro que o mármore e o bronze – o livro – que impávido atravessa os séculos, zombando das garras destruidoras do tempo.

Criança ainda, mostrou extraordinária vocação para o estudo e pouco comum capacidade intelectual, que seus pais aproveitaram com solícito cuidado para guiá-lo em seus primeiros voos. (...)

*
* *

Cursava as aulas da escola militar quando rebentou a Guerra com o Paraguai.

O governo teve de encerrar os estabelecimentos militares do curso superior, porque necessitava do concurso de todos os brasileiros para enfrentar a temerosa invasão do território nacional.

Mato Grosso e Rio Grande do Sul, invadidos por exércitos poderosos, viam talados os seus campos, saqueadas as suas cidades, incendiadas as suas vilas, massacrada a sua população em incrível selvageria;

reviviam no solo americano as cenas canibalescas da Europa medieval!

Solano Lopez pronunciava contra o Brasil a célebre sentença de Brenus – *Væ victis*, atirando suas adestradas legiões contra inermes povoações que arrasavam a ferro e fogo.

O Brasil estava desarmado: não tinha exército, não tinha esquadra, não tinha armamento nos depósitos, não tinha dinheiro nas arcas do tesouro, mas havia patriotismo, havia crédito, havia fé e energia nos que manobravam o leme... era quanto bastava para meter o navio em capa e afrontar a tempestade...

No sul, os rio-grandenses mais uma vez confirmavam as suas gloriosas tradições de povo eminentemente guerreiro e vanguardeiros do Brasil: passada a primeira surpresa, reagiram e o povo em massa levantou-se para vingar a afronta paraguaia.

Cem dias depois de atacada a província, estava esmagado, vencido o poderoso exército que a invadira: – *nem um só paraguaio* escapou à vindita do povo, que viu desfilar prisioneira essa famosa divisão que, ao encerrar-se nos muros de Uruguaiana, dizia pela boca de seu chefe:

“... como soldado devo responder a V. Exas. quando enumerem as forças que comandam e as peças de artilharia de que dispõem: – *tanto melhor, o fumo da artilharia nos fará sombra.*” (...)

Os serviços extraordinários do Visconde de Taunay começam no momento em que o comando em chefe inicia as providências para levar a coluna de Coxim a Miranda, através da região pantanosa que circunda a cordilheira de Maracaju.

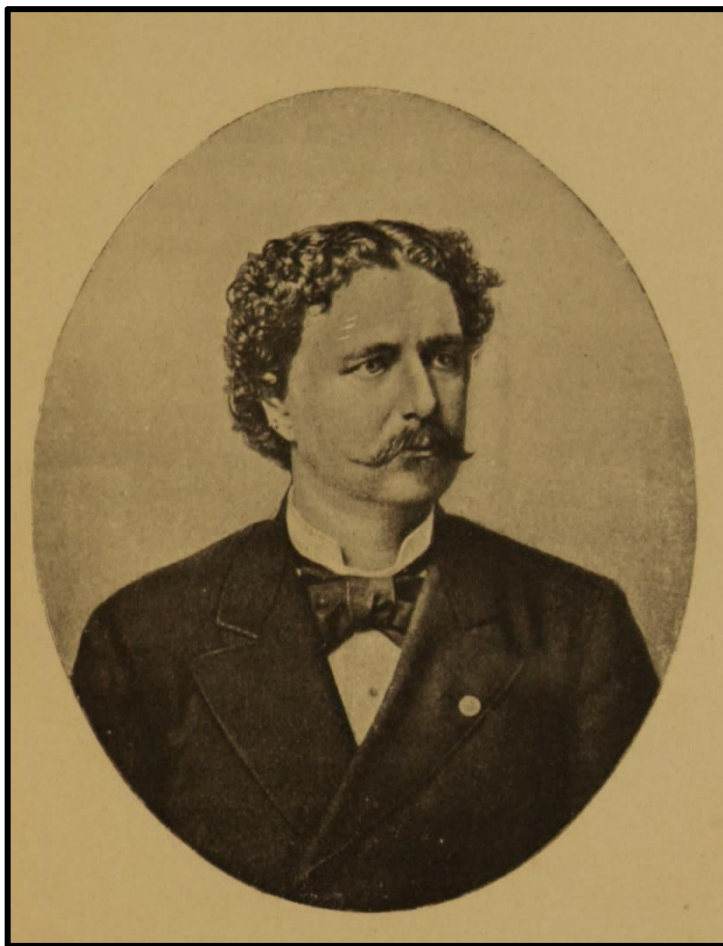
Deixemos o próprio herói contar esses serviços com o singelo colorido de seu estilo inimitável⁴⁹.»

⁴⁹ Em seguida, Montenegro passava a citar manifestações de Taunay acerca das dificuldades enfrentadas na execução da missão.

UM ENFOQUE SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NA OBRA E NO
ACERVO DE JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO



- Alfredo de Escraquolle Taunay -



- Alfredo de Escragnolle Taunay -

Assim, os estudos de cunho histórico-biográfico da lavra de José Arthur Montenegro não se prendiam necessariamente a descrição de todas as fases da vida do biografado, tendo normalmente por preferência a abordagem das ações dos personagens em suas

interfaces com a Guerra do Paraguai. Eles traduzem as concepções histórico-historiográficas que ficaram demarcadas no estilo expresso ao longo da pesquisa e da escritura do estudioso. Nesse quadro, os personagens brasileiros são apresentados como portadores de uma bravura interminável ao enfrentar todas as intempéries da guerra, quer seja, seriam os “heróis” que moviam a história e deveriam servir de “exemplo” para seus coetâneos e, ainda mais, para as gerações futuras⁵⁰. Este livro constitui uma amostragem dos trabalhos que chegaram a ser publicados por Montenegro, restando ainda muitos deles que permaneceram inéditos e manuscritos.

⁵⁰ ALVES, Francisco das Neves. O biógrafo José Arthur Montenegro. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique & OLIVEIRA, Marcelo França de. *O Arquivo Montenegro: retratos e biografias*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 31.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025

